

Emídio Marques de Matos Neto  
Mara Jordana Magalhães Costa  
*Organizadores*

# *CORPO em MOVIMENTO*

*Estratégias e impactos das atividades psicomotoras  
inclusivas no desenvolvimento de crianças e jovens com  
Transtorno do Espectro do Autismo*

# **O CORPO EM MOVIMENTO:**

**Estratégias e impactos das atividades  
psicomotoras inclusivas no desenvolvimento  
de crianças e jovens com o Transtorno do  
Espectro do Autismo (TEA)**

Emídio Marques de Matos Neto  
Mara Jordana Magalhães Costa  
*Organizadores*

# **O CORPO EM MOVIMENTO:**

**Estratégias e impactos das atividades  
psicomotoras inclusivas no desenvolvimento  
de crianças e jovens com o Transtorno do  
Espectro do Autismo (TEA)**



## UNIVERSIDADE FEDERAL DO PIAUÍ

### Reitora

Nadir do Nascimento Nogueira

### Vice-Reitor

Edmilson Miranda de Moura

### Superintendente de Comunicação Social

Jacqueline Lima Dourado

### Diretora da EDUFPI

Olívia Cristina Perez

### EDUFPI - Conselho Editorial

Jacqueline Lima Dourado (presidente)

Olívia Cristina Perez (vice-presidente)

Carlos Herold Junior

César Ricardo Siqueira Bolaño

Fernanda Antônia da Fonseca Sobral

Jasmine Soares Ribeiro Malta

João Batista Lopes

Kássio Fernando da Silva Gomes

Maria do Socorro Rios Magalhães

Teresinha de Jesus Mesquita Queiroz



### Edição e Normalização Bibliográfica

Emídio Marques de Matos Neto

Mara Jordana Magalhães Costa

### Revisão

Os autores

### Capa

Danúbio Augusto Marques Carvalho Filho

### Projeto Gráfico e Diagramação

Wellington Silva

FICHA CATALOGRÁFICA  
Universidade Federal do Piauí  
Biblioteca Comunitária Jornalista Carlos Castello Branco  
Divisão de Representação da Informações

C822	O corpo em movimento : estratégias e impactos das atividades psicomotoras inclusivas no desenvolvimento de crianças e jovens com o Transtorno do Espectro do Autismo (TEA) / Emídio Marques de Matos Neto, Mara Jordana Magalhães Costa, organizadores. -- Teresina : EDUFPI, 2025.
	E-book.
	ISBN: 978-65-5904-407-8
	1. Psicomotricidade. 2. Autismo. 3. Desenvolvimento humano. I. Matos Neto, Emídio Marques de. II. Costa, Mara Jordana Magalhães.
	CDD: 152.3

Elaborada por Fabíola Nunes Brasilino - CRB 3/1014



Editora da Universidade Federal do Piauí - EDUFPI  
Campus Universitário Ministro Petrônio Portella  
CEP: 64049-550 - Bairro Ininga - Teresina - PI - Brasil



# SUMÁRIO

## **APRESENTAÇÃO..... 6**

*Mara Jordana Magalhães Costa*

## **CAPÍTULO 1 - CORPO, MOVIMENTO E APRENDIZADO ..... 8**

*Aruan Carvalho Rocha*

*Bárbara Vanessa dos Santos Sousa*

*David Barbosa Ferreira*

*Gustavo Pereira da Silva*

*Kely Maria Lima de Sousa*

*Maria Vitória Soares Andrade*

*Danúbio Augusto Marques Carvalho Filho*

*Mara Jordana Magalhães Costa*

## **CAPÍTULO 2 - IMPACTOS DO EXERCÍCIO FÍSICO NO DESENVOLVIMENTO MOTOR E COGNITIVO DA CRIANÇA COM TEA..... 22**

*Amanda Lorrana da Silva Cardoso*

*Bárbara Vanessa dos Santos Sousa*

*Cecília Mariane Soares Carvalho*

*Dóryz Borges Pereira*

*Iris Maria Lemos Barbosa*

*Raylanda Estela de Sousa Ferreira*

*Rodolfo Matheus Lopes Passos*

*Mara Jordana Magalhães Costa*

**CAPÍTULO 3 – ESTRATÉGIAS PARA O ENSINO DE CRIANÇAS E JOVENS COM TEA ..... 42**

*Ivenilde da Silva Lopes Cronemberger*

*Jessica Maria dos Santos Carvalho*

*Julian Inácio Barbosa da Rocha*

*Lorena Maria Pereira da Silva*

*Maria Layse Carvalho Aguiar*

*Paula Gardênia Campelo dos Santos*

*Mara Jordana Magalhães Costa*

**CAPÍTULO 4 – ATIVIDADES ADAPTADAS PARA CRIANÇAS E JOVENS COM TEA..... 64**

*Carolina Mendes dos Santos*

*Luana Silva França*

*Nara Nathaly Valadão de Carvalho*

*Rodolfo Matheus Lopes Passos*

*Saul Hidelbrando de Carvalho Holanda*

*Tadeu Alves dos Santos Junior*

*Yoanna Pontes Alves*

*Mara Jordana Magalhães Costa*



## APRESENTAÇÃO

**E**speramos que cada página deste livro não apenas informe, mas também inspire. Que as palavras aqui registradas provoquem reflexões, desloquem certezas, toquem afetos e movimentem práticas. Mais do que um manual técnico ou uma coletânea de estratégias pedagógicas, esta obra é, acima de tudo, um convite: a olhar com mais cuidado, mais escuta e mais sensibilidade para crianças e jovens com Transtorno do Espectro Autista (TEA). Acreditamos que práticas inclusivas não se constroem apenas com metodologias, mas com presença, intenção e vínculos.

Entendemos que inclusão não é apenas estar junto no mesmo espaço, mas participar de forma significativa, sentir-se pertencente, ser respeitado em sua forma única de existir e aprender. Por isso, valorizamos práticas pedagógicas que não apenas se adaptem aos estudantes com deficiência, mas que transformem o ambiente escolar para que todos possam aprender com e a partir da diversidade. Acreditamos que uma escola que acolhe uma criança com TEA se torna melhor para todas as crianças, jovens e adultos.

A obra está organizada em quatro capítulos que dialogam entre si, construindo um percurso formativo e inspirador. No



**Capítulo 1**, mergulhamos na relação entre corpo, movimento e aprendizagem, com ênfase nas práticas desenvolvidas pelo **PREMAUT**, um projeto que valoriza o protagonismo de crianças com TEA. O **Capítulo 2** aprofunda os impactos positivos dos exercícios físicos no desenvolvimento motor e cognitivo, revelando o potencial do movimento como ferramenta terapêutica, educativa e social. Já o **Capítulo 3** oferece um leque de estratégias para o ensino de crianças e jovens com TEA nas diferentes etapas da vida escolar, destacando o papel essencial do professor, da escola e das tecnologias assistivas. Por fim, o **Capítulo 4** reúne reflexões e práticas sobre atividades adaptadas voltadas a crianças e jovens com TEA, considerando seus interesses, níveis de funcionamento e especificidades sensoriais. Exploramos o papel das atividades físicas – desde as mais simples do cotidiano até propostas estruturadas – como ferramentas de desenvolvimento motor, cognitivo, emocional e social.

Desejamos que este livro seja, sim, uma ferramenta de trabalho, mas também uma ponte de empatia. Que sirva para lembrar que a inclusão se faz com técnica, sim, mas também com afeto. Que cada linha incentive a construção de espaços educativos mais justos, mais criativos e mais humanos. Porque, quando uma criança com deficiência é respeitada e tem acesso a oportunidades reais de desenvolvimento, toda a sociedade avança.

Que este livro seja não apenas instrumento de trabalho, mas também um gesto de compromisso com a escuta sensível, o afeto e a luta por equidade. Que cada página inspire práticas mais humanas, potentes e transformadoras. Que ele seja um convite à construção coletiva de uma escola – e de um mundo – verdadeiramente inclusivos.

*Mara Jordana Magalhães Costa*

## CORPO, MOVIMENTO E APRENDIZADO

*Aruan Carvalho Rocha*

*Bárbara Vanessa dos Santos Sousa*

*David Barbosa Ferreira*

*Gustavo Pereira da Silva*

*Kely Maria Lima de de Sousa*

*Maria Vitória Soares Andrade*

*Danúbio Augusto Marques Carvalho Filho*

*Mara Jordana Magalhães Costa*

### 1 INTRODUÇÃO

**F**echе os olhos por um momento e tente recordar sua infância. Que ações vêm à sua memória? Talvez andar descalço, escalar árvores, movimentar-se alegremente, brincar de pular corda ou simplesmente rolar pelo chão. Antes mesmo de adquirirmos habilidades de fala ou escrita, é por meio do movimento corporal que iniciamos a exploração do ambiente, a expressão e a aprendizagem. O corpo, com suas movimentações,



ritmos e demonstrações, representa a primeira forma de comunicação que aprendemos – e permanece sendo uma das mais potentes.

A articulação entre corpo, movimento e aprendizagem representa, portanto, um campo essencial para a educação e o cuidado no desenvolvimento infantil, especialmente quando se trata de crianças com Transtorno do Espectro Autista (TEA), que apresentam formas singulares de perceber, agir e se relacionar com o mundo.

No contexto do PREMAUT (Projeto de Extensão de Atividades Motoras para Pessoas com Autismo) – que desenvolve atividades motoras com crianças e jovens com TEA – essa tríade se torna ainda mais relevante. As práticas corporais propostas no projeto são pensadas como possibilidades de promover comunicação, expressão e aprendizagem dessas crianças, respeitando suas especificidades e potencialidades.

Desse modo, corpo e movimento deixam de ser apenas meios para o aprendizado e passam a ser também conteúdos e linguagens fundamentais para o desenvolvimento integral. Trabalhar com crianças com TEA exige um olhar sensível e fundamentado, capaz de reconhecer que o movimento não é apenas físico, mas também simbólico, afetivo e social.

Estudos de autores como Jean Le Boulch (1987) e Wallon (2007) reforçam a importância da psicomotricidade como mediadora da aprendizagem, ao destacar que o desenvolvimento motor está intimamente ligado ao desenvolvimento cognitivo e emocional. A partir dessa perspectiva, a ação corporal se torna

elemento estruturante da aprendizagem, especialmente em contextos educativos inclusivos (Oliveira, 1997).

No caso das crianças com TEA, cujas formas de comunicação e interação muitas vezes fogem às convenções verbais e sociais, o corpo pode ser o principal canal de expressão. Nesse sentido, práticas psicomotoras bem orientadas possibilitam o fortalecimento de aspectos como a coordenação motora, a percepção espacial, a autorregulação e, sobretudo, a socialização. O corpo em movimento torna-se ferramenta de escuta e mediação, favorecendo vínculos e ampliando as possibilidades de aprendizagem e convivência.

Além disso, estudos na área da neurociência têm reforçado a importância das experiências sensório-motoras no desenvolvimento de redes neurais relacionadas à atenção, à linguagem e às funções executivas. Quando uma criança se movimenta, ela ativa múltiplas áreas do cérebro simultaneamente – o que potencializa a aprendizagem. Essa integração holística do corpo é ainda mais essencial quando lidamos com desafios do desenvolvimento, como é o caso do TEA, que demanda abordagens educativas mais dinâmicas, sensíveis e interativas.

Este capítulo tem como objetivo discutir a relação entre corpo, movimento e aprendizagem a partir da experiência do PREMAUT, evidenciando como a abordagem psicomotora pode favorecer o desenvolvimento de crianças com TEA. Serão abordados os fundamentos teóricos que sustentam essa proposta, exemplos práticos das atividades desenvolvidas no projeto e reflexões sobre os impactos observados no público atendido.



A intenção é oferecer aos leitores subsídios teóricos e práticos para pensar o corpo.

## **2 CORPO, MOVIMENTO E APRENDIZAGEM**

Para iniciarmos esse tópico, cabe ressaltar que pensando em uma perspectiva que considera o ser humano como totalidade complexa, na qual não é possível dissociar corpo e mente, cognição, afetividade e motricidade, faz-se necessário entender que o movimento é fundamental para o aprendizado (Kolyniak Filho, 2010). Isso estabelece o corpo como um mediador fundamental da aprendizagem – uma mediação que se manifesta desde os primeiros momentos da vida.

O desenvolvimento motor é considerado um processo sequencial, contínuo e relacionado à idade cronológica, por meio do qual o ser humano adquire uma enorme quantidade de habilidades motoras, que evoluem de movimentos simples e desorganizados para habilidades altamente organizadas e complexas (Willrich et al., 2009, p. 1). Esse desenvolvimento se inicia ainda na fase de bebê, caracterizado pelos movimentos reflexos – repetições espontâneas causadas por estímulos internos e externos (Gallahue et al., 2013, p. 59).

Os reflexos são essenciais porque funcionam como um instrumento primário de coleta de informações sobre o ambiente, que são então armazenadas no córtex em desenvolvimento, sendo fundamentais para o seu amadurecimento.

As primeiras formas de movimento voluntário são chamadas de movimentos rudimentares, que são determinados pela maturação e seguem uma sequência de surgimento bastante previsível (Gallahue et al., 2013, p. 70). Essas fases iniciais são cruciais, pois permitem a exploração do ambiente, o contato com objetos e contribuem para as experiências motoras iniciais da criança. As capacidades rudimentares representam as formas básicas de movimento voluntário dependentes da maturação e são necessárias à sobrevivência.

O movimento vai além do aprendizado motor específico: ele influencia o desenvolvimento infantil em múltiplos domínios – psicomotor, cognitivo e afetivo – os quais se desenvolvem de forma gradual, desde a concepção até o fim da vida. Esses domínios são importantes para a interação da criança com o ambiente, tanto de forma motora quanto cognitiva e afetiva.

**Domínio psicomotor:** Nesse domínio, o movimento resulta de processos mediados cognitivamente pelos centros superiores do cérebro (córtex cerebral), de atividades reflexas em centros inferiores ou de respostas automáticas no sistema nervoso central (Gallahue, Ozmun; Goodway, 2013, p. 31). É nele que se desenvolvem as habilidades motoras por meio da assimilação do ambiente, utilizando processos cognitivos para planejar e executar desde os movimentos mais simples até os mais complexos.

**Domínio cognitivo:** A teoria do desenvolvimento cognitivo de Piaget destaca a aquisição dos processos de pensamento a partir da observação cuidadosa de bebês e crianças (Gallahue, Ozmun; Goodway, 2013, p. 44). O desenvolvimento cognitivo



ocorre em constante evolução: desde a assimilação sensório-motora, nos primeiros anos de vida, até fases mais avançadas, nas quais a criança consegue combinar ideias e pensamentos de forma mais elaborada.

**Domínio afetivo:** O domínio afetivo, quando relacionado ao movimento humano, envolve sentimentos e emoções aplicadas ao próprio indivíduo e aos outros (Gallahue, Ozmun; Goodway, 2013, p. 31). A percepção da própria capacidade de realizar movimentos com sucesso contribui para o desenvolvimento da autoconfiança, o que motiva a criança a se engajar em novas atividades com mais segurança. Assim, esse domínio desempenha um papel essencial na motivação, na autoestima e no envolvimento no processo de desenvolvimento motor.

Esses três domínios – psicomotor, cognitivo e afetivo – são interdependentes. No domínio psicomotor, o corpo executa os movimentos; no domínio cognitivo, a criança entende e planeja o movimento; e no domínio afetivo, encontra a motivação e a confiança para realizá-lo. Essa integração é fundamental para o engajamento das crianças e para um desenvolvimento motor pleno.

## 2.1 AS PRÁTICAS DO PREMAUT

Na Universidade Federal do Piauí, o PREMAUT se consolida como um espaço transformador, onde teoria e prática se unem para promover o desenvolvimento integral de pessoas com Transtorno do Espectro Autista (TEA). Fundamentado nos estudos de Gallahue e Ozmun (2001) sobre desenvolvimento motor, o

projeto trabalha sistematicamente as habilidades locomotoras, manipulativas e de estabilização, criando uma base sólida para o crescimento físico, cognitivo e social dos participantes.

O ambiente, cuidadosamente planejado – carinhosamente chamado de “mundo azul” – foi concebido para acolher e estimular. Materiais coloridos e adaptados, instrumentos musicais e circuitos psicomotores compõem um cenário propício ao desenvolvimento. Aqui, a filosofia de Merleau-Ponty (2011) sobre a corporeidade ganha vida prática: o corpo não é apenas um instrumento, mas a via primordial de expressão e interação com o mundo. As atividades são elaboradas para valorizar essa conexão, transformando cada movimento em uma forma de comunicação e descoberta.

Muitos participantes chegam ao PREMAUT enfrentando desafios significativos – alguns nunca correram com coordenação, outros demonstram aversão a sons ou texturas, e há aqueles que ainda não descobriram como seu corpo pode se expressar. É emocionante observar a transformação que ocorre semana após semana: crianças que inicialmente se recusavam a pisar em certos materiais agora dançam sobre eles; adolescentes que evitavam o contato visual começam a sorrir e interagir; adultos descobrem novas formas de se movimentar com confiança.

Os monitores, peças-chave nesse processo, desenvolvem uma sensibilidade aguçada para ler cada gesto, cada olhar, cada hesitação. Sabem quando insistir e quando recuar, quando desafiar e quando acolher. Essa dança delicada entre estímulo e respeito aos limites individuais é o que torna o projeto tão especial. Não se trata apenas de ensinar movimentos, mas de ajudar cada pessoa



a descobrir o prazer de se mover, de se expressar, de existir no mundo através do corpo.

Além das atividades motoras, o PREMAUT abre espaço para a criatividade por meio de oficinas artísticas. As obras criadas pelos participantes – muitas vezes revelando talentos surpreendentes – já foram expostas em museus e shoppings, mostrando à sociedade o potencial que existe por trás de cada diagnóstico.

O que talvez seja mais marcante no PREMAUT é a atmosfera de família que se constrói. Não é raro ver monitores e participantes compartilhando conquistas pessoais, celebrando aniversários ou simplesmente sentados juntos, desfrutando de momentos de tranquilidade. Essa rede de apoio vai muito além das sessões formais, criando laços que frequentemente se estendem para além dos muros da universidade.

Os resultados falam por si: melhoras mensuráveis nas habilidades motoras, aumento da interação social, desenvolvimento da comunicação e, talvez o mais importante, uma evidente e crescente alegria e autoestima nos participantes. Cada pequena vitória – seja equilibrar-se por alguns segundos a mais, completar um circuito ou simplesmente escolher uma atividade preferida – é celebrada como um marco significativo.

O PREMAUT nos ensina que o desenvolvimento não segue um roteiro linear. Algumas conquistas vêm rapidamente, outras demandam paciência e persistência. Mas o que fica claro é que, quando oferecemos um espaço seguro, respeitoso e rico em

estímulos, as pessoas com TEA podem surpreender e inspirar a todos com sua capacidade de crescimento e transformação.

## **2.2 ESPECIFICIDADES DO TRABALHO COM CRIANÇAS COM TEA**

O desenvolvimento motor e os aspectos físicos influenciam diretamente a qualidade de vida de crianças com TEA, uma vez que estão associados a partes do sistema neuromuscular que ainda se encontram em formação, mesmo quando a criança já atingiu determinada idade cronológica. Segundo Gallahue, Ozmun e Goodway (2013, p. 28), embora a idade cronológica esteja relacionada ao desenvolvimento, ela não o determina de forma exclusiva.

Assim, sabe-se que uma criança atingir certa idade cronológica ou maturacional não significa que ela já tenha desenvolvido plenamente todas as fases do aprendizado motor, cognitivo, social e afetivo que antecedem essa etapa.

*Embora sejam altamente específicas durante os primeiros anos, as idades cronológicas tornaram-se cada vez mais gerais no decorrer da vida. [...] tenha em mente que, apesar de relacionado com a idade, o desenvolvimento não depende dela. A idade cronológica é somente uma estimativa bruta do nível de desenvolvimento do indivíduo, que pode ser determinado de modo mais preciso por outros meios. (Gallahue et al., 2013, p. 28)*

Assim, uma criança atingir certa idade cronológica ou maturacional não significa que ela já tenha desenvolvido plenamente todas as fases do aprendizado motor, cognitivo, social e afetivo que precedem essa etapa.



Apesar dos avanços científicos e dos diversos estudos sobre a relação entre TEA e Educação Física, ainda é necessário detalhar e demonstrar, na prática, como o movimento corporal está entrelaçado a todos os aspectos fundamentais da vida de crianças autistas.

O projeto PREMAUT busca incluir atividades motoras recreativas e inclusivas que promovam o desenvolvimento integral da criança, considerando diferentes capacidades e qualidades físicas, como equilíbrio, força, resistência muscular, condicionamento cardiorrespiratório, lateralidade e percepção do espaço corporal, entre outras. Um dos diferenciais do projeto é a sua abordagem inclusiva, que considera as diferentes capacidades de cada criança, garantindo que todas possam participar e se beneficiar das atividades, independentemente de suas limitações. Busca-se promover a equidade de oportunidades e fortalecer a autoestima e a socialização entre os participantes.

Além disso, o projeto reconhece o brincar como uma ferramenta fundamental para o desenvolvimento cerebral, conforme destacado por Whitman:

*As brincadeiras servem como o veículo através do qual as crianças aprendem sobre seu ambiente e como interagir com ele, influenciando assim seu desenvolvimento sensório-motor, cognitivo e socioemocional.[...] as crianças descobrem sobre o mundo, sobre elas próprias e sobre seus relacionamentos com os outros [...] ajudam as crianças a experimentar novos papéis, resolver problemas, trabalhar em cooperação com os outros, e formular e executar planos. (Whitman, 2015, p. 147).*

A atividade lúdica não só estimula conexões neurais importantes, como também contribui para o aprimoramento de diversas funções. Afinal, a capacidade de brincar é considerada pelos biólogos como uma atividade essencial para o desenvolvimento cerebral (Fagen, 1992; Bergen, 2004 apud Gallahue et al., 2013, p. 31).

### **3 CONCLUSÃO**

Portanto, a partir das informações abordadas neste capítulo, torna-se crucial compreender que a relação entre movimento, corpo e aprendizado é um dos principais fatores para a construção integral das crianças com TEA. A essência do PREMAUT está no entendimento de que o desenvolvimento humano é um processo multidimensional, no qual aspectos físicos, emocionais, cognitivos e sociais se entrelaçam de forma indissociável.

Essa visão integral se materializa em cada atividade desenvolvida, indo muito além do simples exercício físico descontextualizado. Quando as crianças experimentam o movimento no espaço do projeto, estão engajando simultaneamente múltiplos sistemas e capacidades que compõem a complexa teia de seus processos de crescimento.

Podemos citar, por exemplo, o desafio de saltar uma escada de agilidade: nesse momento, a criança não apenas exercita sua força e coordenação, mas também constrói resiliência emocional, pratica o planejamento motor e, ao compartilhar



sua conquista com colegas e monitores, desenvolve habilidades sociais. O PREMAUT se torna, assim, um espaço de experiências ricas e significativas, onde múltiplas áreas do desenvolvimento são estimuladas de forma natural e integrada.

Para crianças com TEA, que frequentemente experimentam o mundo de forma fragmentada, essa abordagem holística é especialmente valiosa, pois oferece oportunidades para conectar e organizar suas percepções em um todo coerente.

O PREMAUT parte, portanto, de um pressuposto filosófico: não há aprendizagem verdadeira que não passe pela experiência corporal. Quando uma criança autista balança, salta ou rola, ela não está apenas “se preparando para aprender” – ela já está engajada no ato primordial do conhecimento. Seu corpo pensa, calcula, decide, antes mesmo que essas operações se tornem abstrações.

Propomos aos educadores uma inversão de perspectiva: em vez de ver o movimento como um intervalo entre atividades “intelectuais”, compreendê-lo como a matriz do próprio pensar. Cada gesto contém epistemologia. Pois, se – como sugeria Merleau-Ponty – somos, antes de tudo, corpos-no-mundo, então negar o movimento é negar o próprio ser.

O PREMAUT não propõe apenas atividades. Propõe condições para que cada criança escreva, com seus gestos, seu tratado pessoal sobre a arte de existir.

## REFERÊNCIAS

BERGEN, Doris. The role of pretend play in children's cognitive development. **Early Childhood Research & Practice**, Champaign, v. 6, n. 1, p. 1-12, 2004.

FAGEN, Robert. **Play and development**. In: Animal play behavior. New York: Oxford University Press, 1992. p. 185-203.

GALLAHUE, D. L.; OZMUN, J. C. **Compreendendo o desenvolvimento motor: bebês, crianças, adolescentes e adultos**. 1. ed. São Paulo: Phorte, 2001.

GALLAHUE, David L.; OZMUN, John C.; GOODWAY, Jacqueline **D.Compreendendo o desenvolvimento motor: bebês, crianças, adolescentes e adultos**. 7. ed. Tradução: Maria Cristina Triguero Veloz Teixeira. São Paulo: Phorte Editora, 2013.

KOLYNIK FILHO, Carol. Motricidade e aprendizagem: algumas implicações para a educação escolar. **Constr. psicopedag.**, São Paulo, v. 18, n. 17, p. 53-66, dez. 2010.

LE BOULCH, J. **O desenvolvimento psicomotor: do nascimento aos 6 anos**. Porto Alegre: Artes Médicas, 1987.

MERLEAU-PONTY, Maurice. **Fenomenologia da percepção**. Trad. Carlos Alberto Ribeiro de Moura. 4. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2011.

OLIVEIRA, M. K. **Vygotsky: aprendizado e desenvolvimento - um processo sócio-histórico**. São Paulo: Scipione, 1997.



WALLON, H. **A evolução psicológica da criança**. São Paulo: Martins Fontes, 2007.

WILLRICH, Aline. et al. Desenvolvimento motor na infância: influência dos fatores de risco e programas de intervenção. **Revista Neurociências**, v. 17, n. 1, p. 51-56, 2009.

WHITMAN, Thomas L. **O desenvolvimento do autismo: uma perspectiva de autorregulação**. Tradução de Dayse Batista. São Paulo: M.Books do Brasil Editora, 2015. 280 p.

# IMPACTOS DO EXERCÍCIO FÍSICO NO DESENVOLVIMENTO MOTOR E COGNITIVO DA CRIANÇA COM TEA

*Amanda Lorrana da Silva Cardoso*

*Bárbara Vanessa dos Santos Sousa*

*Cecília Mariane Soares Carvalho*

*Dóryz Borges Pereira*

*Iris Maria Lemos Barbosa*

*Raylanda Estela de Sousa Ferreira*

*Rodolfo Matheus Lopes Passos*

*Mara Jordana Magalhães Costa*

## 1 INTRODUÇÃO

O movimento é uma das formas mais livres de expressão do nosso corpo e do nosso ser. A dança, por exemplo, utiliza-se amplamente do movimento, com suas sequências e elementos, sendo também observada na corrida, caminhada, ginástica e até em deveres domésticos. Em cada um



desses exemplos, há movimento, que também podemos chamar de atividades físicas. Pitanga (2002) descreve a atividade física como qualquer movimento corporal produzido pelos músculos do corpo, que envolve gasto de energia maior do que os níveis de repouso do corpo, abrangendo componentes biopsicossociais, culturais e comportamentais.

As atividades físicas trazem diversos benefícios à saúde, como o aumento do bem-estar, o bom desenvolvimento mental e até a melhoria das relações socioculturais entre indivíduos. No entanto, existem fatores que podem prejudicar esses benefícios, como o comportamento sedentário e a inatividade física, que geram riscos à saúde, podendo reduzir a força estática e dinâmica, além de aumentar os riscos de acidentes e lesões no aparelho locomotor.

Este capítulo tem como objetivo apresentar o impacto das atividades físicas na vida de crianças com Transtorno do Espectro Autista (TEA). Sabe-se que o TEA é um transtorno comportamental sem causa específica, que gera alterações em diversas áreas do desenvolvimento das crianças, incluindo o desenvolvimento motor. É importante destacar que a atividade física é essencial para nossa vida e deve ser praticada por pessoas de todas as idades, incluindo crianças com autismo.

O capítulo irá explorar como o exercício físico contribui para a melhoria do desenvolvimento motor e cognitivo dessas crianças, desmistificando a ideia equivocada de que pessoas com TEA são incapazes de melhorar seu desenvolvimento, especialmente na

infância. Também abordaremos como o esporte e a recreação estão intimamente ligados a esse processo de desenvolvimento.

## **2 O IMPACTO DE EXERCÍCIOS FÍSICOS PARA PESSOAS COM TEA**

O indivíduo diagnosticado com Transtorno do Espectro Autista (TEA) pode apresentar déficits motores, cognitivos e sociais, os quais ocasionam atrasos na aquisição de habilidades. (DSM V; APA, 2014). O transtorno é caracterizado por desafios significativos no neurodesenvolvimento, manifestando-se em diferentes graus de severidade. Além dos sintomas primários relacionados à interação social, à comunicação e aos comportamentos repetitivos, observa-se com frequência que indivíduos com TEA apresentam habilidades motoras limitadas (Fournier et al., 2010).

A atividade física diária e de intensidade moderada é de fundamental importância para o desenvolvimento infantil, promovendo a aptidão física e prevenindo doenças crônicas. Nesse sentido, sugere-se que as atividades físicas sejam incorporadas ao tratamento do TEA (Corrêa et al., 2020).

De acordo com Curtin et al. (2005), quando indivíduos com TEA não praticam atividade física suficiente, há atrasos no desenvolvimento motor e no condicionamento físico, o que impacta negativamente os aspectos sociais e emocionais. A prática regular de exercícios físicos tem se mostrado uma estratégia eficaz de intervenção para esse público (Zachor et al., 2017).

Levinson e Reid (1993) realizaram uma série de estudos de caso com três crianças autistas – dois meninos e uma



menina, todos com 11 anos. Os participantes foram submetidos a dois programas de exercício físico: um leve, com 15 minutos de caminhada, e outro mais intenso, com 15 minutos de corrida (jogging). Observou-se uma redução parcial dos movimentos estereotipados por cerca de 90 minutos após as sessões de jogging. De forma semelhante, Celiberti et al. (1997) relataram o caso de uma criança de cinco anos com alto grau de movimentos estereotipados, que participou de dois programas: seis minutos de caminhada lenta e contínua e seis minutos de corrida moderada. Após um período de descanso de três minutos, ao retornar à sala de aula, observou-se redução dos comportamentos estereotipados por aproximadamente 40 minutos.

Em outro estudo, Pan (2010) investigou os efeitos de um programa de natação em 16 meninos com idades entre seis e nove anos. As sessões duraram 90 minutos, duas vezes por semana, durante dez semanas. Os resultados indicaram melhorias significativas nas habilidades de natação, na função cardiorrespiratória e em aspectos comportamentais, incluindo a redução dos movimentos estereotipados. Também foram observados avanços no equilíbrio, velocidade, agilidade, potência, força muscular e flexibilidade. De forma semelhante, Fragala-Pinkham et al. (2008) avaliaram 12 crianças com TEA submetidas a um programa de exercícios aquáticos, com sessões de 40 minutos, duas vezes por semana. O programa incluiu atividades aeróbicas, treinamento de força, resistência muscular e alongamento. Todas as crianças apresentaram melhorias, sendo mais expressiva a

evolução das habilidades de natação, embora algumas tenham demonstrado maior progresso que outras.

Crianças com TEA podem apresentar alterações na coordenação motora, o que leva a atrasos no desenvolvimento de habilidades motoras finas e complexas, como equilíbrio, esquema corporal e organização espacial e temporal. Além disso, é comum a presença de distúrbios de percepção, dificultando o uso eficiente de estímulos sensoriais e prejudicando a função motora. Uma atividade que também tem se mostrado eficaz no aprimoramento das habilidades motoras em crianças com TEA é a dança.

Em um ensaio clínico randomizado realizado por Krüger et al. (2019), durante 14 semanas, nove crianças entre cinco e dez anos foram divididas em dois grupos (intervenção e controle) e submetidas a avaliações do desempenho social e motor. O grupo de intervenção participou de sessões de dança com duração de 50 minutos, duas vezes por semana e foi nesse grupo da intervenção, que os avaliados apresentaram um resultado significativo para as habilidades motoras de locomoção.

O exercício físico tem se mostrado promissor tanto na redução de comportamentos repetitivos quanto na melhoria das funções cognitivas. Considerando que esses indivíduos podem apresentar dificuldades motoras e menor propensão à prática de atividades físicas – seja por falta de oportunidade ou por receio devido às próprias limitações –, é recomendável que os programas de exercício comecem com níveis de complexidade mais baixos, adequados às suas capacidades (Corrêa et al., 2020).



Com base nos estudos revisados, fica evidente que a prática regular de exercícios físicos é crucial para o desenvolvimento motor, cognitivo e comportamental de crianças com Transtorno do Espectro Autista (TEA). O impacto positivo das atividades físicas vai além da melhoria da aptidão física, promovendo uma redução significativa nos comportamentos repetitivos, como os movimentos estereotipados, além de contribuir para o aumento da interação social e para a melhor adaptação emocional dos indivíduos com TEA.

É importante ressaltar que, ao incorporar atividades físicas ao tratamento das crianças com TEA, é possível observar ganhos significativos nas habilidades motoras, como equilíbrio, coordenação e flexibilidade, bem como avanços no desenvolvimento de funções cognitivas e sociais. A prática de atividades como dança, natação, corrida e até mesmo jogos recreativos contribui para o fortalecimento da autoestima, promovendo uma integração mais eficaz com o ambiente e as pessoas ao redor.

No entanto, como foi discutido, é essencial que as atividades sejam adaptadas de acordo com as necessidades individuais de cada criança, levando em consideração suas limitações e proporcionando um ambiente seguro e estimulante. Programas de exercício devem começar com níveis de complexidade mais baixos e progredir gradualmente, respeitando o ritmo e as capacidades de cada participante.

Portanto, a prática de exercícios físicos não deve ser vista apenas como uma forma de aprimorar habilidades motoras, mas

como uma ferramenta de intervenção terapêutica fundamental para promover o bem-estar integral de crianças com TEA. Com a introdução de atividades físicas adaptadas, é possível oferecer aos indivíduos com TEA oportunidades para o desenvolvimento de habilidades essenciais para a sua qualidade de vida, ampliando suas capacidades físicas, cognitivas, sociais e emocionais.

## **2.1 EXERCÍCIO FÍSICO E O DESENVOLVIMENTO MOTOR E COGNITIVO DAS PESSOAS COM TEA**

O desenvolvimento motor e cognitivo das pessoas com Transtorno do Espectro Autista (TEA) está diretamente relacionado à qualidade de vida, à autonomia e ao potencial de inclusão desses indivíduos na sociedade. Diversos estudos apontam que crianças, adolescentes e até adultos com TEA apresentam dificuldades tanto nas habilidades motoras quanto nas funções cognitivas, sendo essas frequentemente interligadas. Diante disso, compreender o impacto de atividades motoras, lúdicas e dirigidas nesses dois aspectos torna-se essencial para a formulação de práticas educativas e terapêuticas mais eficazes.

As dificuldades motoras observadas em pessoas com TEA podem variar desde atrasos no desenvolvimento de habilidades básicas, como engatinhar, andar ou correr, até prejuízos mais específicos, como dificuldades de coordenação motora fina (necessária para desenhar, escrever ou manipular objetos pequenos), desequilíbrios posturais, movimentos estereotipados e baixa consciência corporal. Isso significa que o corpo, enquanto



mediador da experiência com o mundo, encontra entraves para se expressar e se desenvolver plenamente. Crianças com TEA podem, por exemplo, apresentar resistência a atividades físicas, seja por não conseguirem acompanhar o ritmo dos colegas, seja por não entenderem as regras dos jogos, o que afeta tanto sua autoestima quanto suas oportunidades de interação social.

Por outro lado, programas de intervenção motora bem estruturados têm mostrado um impacto positivo significativo. Através de atividades que envolvem jogos, circuitos, dança, natação, esportes adaptados e brincadeiras de imitação, é possível observar avanços na coordenação, no controle postural e na consciência corporal. Um exemplo prático é a utilização de circuitos motores com cones, obstáculos e bolas de diferentes tamanhos, que exigem da criança a tomada de decisões, a organização motora e a superação de pequenos desafios. Essas atividades não apenas fortalecem os músculos e ampliam o repertório de movimentos, como também ativam regiões cerebrais responsáveis por processos cognitivos importantes.

Merege Filho et al. (2014) relataram em seu estudo que o exercício físico tem tanto efeitos imediatos (agudos) quanto os de longo prazo (crônicos) sobre a cognição. Os efeitos agudos parecem estar relacionados ao aumento do fluxo sanguíneo cerebral e da atividade de neurotransmissores, favorecendo o funcionamento cognitivo. Já os efeitos crônicos estariam ligados a adaptações estruturais no cérebro e à maior plasticidade sináptica, resultando em melhorias sustentadas nas funções cognitivas.

Além disso, é importante destacar o papel das atividades físicas como mediadoras de interações sociais, um campo sensível para o público com TEA. Ao participar de brincadeiras em grupo, esportes adaptados ou jogos cooperativos, a criança é naturalmente exposta a regras, empatia, leitura de gestos e expressões, todos elementos que favorecem o desenvolvimento cognitivo-social. Essas experiências contribuem para o reconhecimento do outro como parceiro de ação, fortalecendo os vínculos afetivos e ampliando o repertório comportamental.

Cabe mencionar ainda que crianças com TEA que participam de programas estruturados de exercícios físicos frequentemente apresentam avanços significativos, como a redução de comportamentos repetitivos, além de melhorias na concentração e nas habilidades sociais. Atividades como natação, ioga e artes marciais adaptadas se destacam por integrarem movimento corporal, regulação emocional e estímulo à autorregulação, oferecendo um ambiente rico para o desenvolvimento integral. Além disso, essas práticas promovem maior autopercepção e independência, contribuindo de forma decisiva para o fortalecimento da autonomia e da qualidade de vida desses indivíduos. (Ademir, 2023).

Outro aspecto relevante é que os benefícios dessas práticas não estão limitados à infância. Adolescentes e adultos com TEA também podem se beneficiar de atividades físicas adaptadas, tanto para o fortalecimento motor quanto para o estímulo de habilidades cognitivas. Nesse sentido, os exercícios físicos estruturados – como a natação, a equoterapia e os jogos motores



– têm se mostrado eficazes no desenvolvimento da coordenação motora, do equilíbrio e da consciência corporal, habilidades frequentemente afetadas em crianças com Transtorno do Espectro do Autismo. A evolução nesses aspectos não só amplia a autonomia funcional dos participantes, como também contribui para a redução de sintomas como ansiedade e hiperatividade, frequentemente relatados por familiares e cuidadores (Paulino et al., 2024).

Em suma, os impactos das atividades motoras no desenvolvimento cognitivo e motor das pessoas com TEA são múltiplos e interdependentes. Estimular o corpo é, nesse contexto, também estimular o cognitivo. A prática física estruturada, respeitando os níveis de funcionalidade, as preferências individuais e os aspectos sensoriais de cada pessoa, tem se mostrado uma ferramenta poderosa para promover autonomia, inclusão e desenvolvimento global. O reconhecimento e a valorização dessas estratégias no ambiente escolar, clínico e comunitário devem ser ampliados, garantindo que as pessoas com TEA tenham oportunidades concretas de explorar todo o seu potencial.

## **2.2 ESPORTE E DESENVOLVIMENTO MOTOR DE CRIANÇAS COM TEA**

O esporte é fundamental na vivência de uma pessoa, pois auxilia em diversas questões, como aptidão física, interação social, controle emocional, entendimento de regras e vivências. Praticar um esporte significa compreender de maneira integral

as competências e habilidades necessárias para uma boa relação consigo mesmo e com a sociedade. Além disso, o esporte está diretamente relacionado à rotina de uma pessoa, sendo necessário gerenciá-lo para que possa ser realizado de forma eficaz.

A prática esportiva é uma das formas pelas quais crianças com TEA conseguem realizar seus movimentos de maneira mais objetiva e dinâmica, trabalhando aspectos mencionados anteriormente, como a coordenação e o controle emocional. Quando o esporte entra na vida de pessoas com TEA de forma lúdica e interativa, ele propicia a vivência de aspectos do seu desenvolvimento que antes não eram experienciados, seja pela falta de interação ou pela dependência pessoal para a realização das atividades. Um exemplo claro disso ocorre com as crianças atendidas no PREMAUT, que, ao sentirem a vontade de participar das atividades esportivas, acabam compreendendo a importância do esporte em suas vidas.

O desenvolvimento motor de uma pessoa é essencial para a sua vivência, sendo por meio dele que é possível realizar tarefas cotidianas, como se alimentar, tomar banho e caminhar. Ao longo da vida, o ser humano vivencia marcos importantes do seu desenvolvimento motor, como aprender a rolar, falar, caminhar e correr. Esses marcos estarão relacionados com as vivências da vida, como na fase escolar, no ambiente familiar e no trabalho, na vida adulta.

Realizar pequenas atividades motoras ao longo da vida é fundamental para que a criança compreenda, desde cedo, a



importância dessas habilidades para seu desenvolvimento futuro, tanto no aspecto pessoal quanto social.

O desenvolvimento das habilidades motoras gera maior independência nas crianças com TEA, permitindo-lhes desenvolver outras habilidades, como ocorre com as crianças atendidas no PREMAUT. Inicialmente, elas aprendem a aprimorar a sua forma de caminhar, depois a saltar, em seguida a correr e, por fim, a manusear materiais, como uma bola. A partir desse processo, começam a realizar jogos e se sentem muito felizes quando marcam um gol.

Um dos pilares fundamentais para o desenvolvimento motor de uma criança com TEA é o esporte. Ao vivenciar essa prática, ela consegue superar barreiras inimagináveis, como dificuldades na socialização, no controle emocional, no desenvolvimento cognitivo e motor. O esporte também contribui para a saúde da criança e para a compreensão de regras que são essenciais para a convivência social.

Um exemplo claro dessa abordagem pode ser observado nas experiências vividas pelas crianças no PREMAUT. Ao participarem de diversas modalidades esportivas, elas desenvolvem a aptidão e a vontade de continuar praticando, com base nos pedidos dos alunos e na boa convivência dentro do ambiente do projeto. O reconhecimento de seus avanços é parabenizado, o que incentiva a continuidade da prática.

Portanto, o esporte contribui significativamente para o desenvolvimento motor e as habilidades únicas de cada aluno,

transformando e dinamizando seu desenvolvimento de maneira progressiva e com múltiplos alcances.

## **2.3 ATIVIDADES RECREATIVAS E CRIANÇAS COM TEA**

A atividade recreativa pode ser compreendida como um conjunto de ações que promovem o bem-estar, a socialização e o crescimento individual por meio do prazer e da espontaneidade. Segundo Dumazedier (1979), a recreação refere-se a um conjunto de atividades realizadas no tempo livre, com finalidades de descanso, diversão e desenvolvimento pessoal. As práticas recreativas podem ser realizadas por pessoas de diversas faixas etárias, sem distinções. Contudo, elas devem sofrer modificações para melhor adaptação dos praticantes.

Cavallari e Zacharias (2009) apresentam algumas características fundamentais que devem ser consideradas, pois, se rompidas, impedem o praticante de desenvolver sua recreação de forma abrangente:

- A recreação deve ser livre e espontânea, proporcionando a opção de atividades quando desejar. Caso esteja em uma aula, é importante permitir que a criança escolha os materiais que preferir, sem a expectativa de vantagens ou resultados concretos.
- As atividades de recreação e lazer geralmente conduzem o indivíduo a estados de bem-estar psicológico positivo e



constante tranquilidade, sem tensões, normas, condições ou responsabilidades.

- Deve estimular a criatividade e beneficiar a formação pessoal e as relações interpessoais, permitindo a liberação das tensões da vida cotidiana e promovendo a autorrealização.

Embora essas características sejam amplas, é importante ressaltar que, para atingir objetivos pedagógicos, a recreação precisa ser planejada com intencionalidade e sensibilidade, levando em consideração as necessidades específicas de cada indivíduo. É fundamental respeitar os limites e garantir que tais atividades sejam acessíveis, favorecendo o engajamento e o progresso.

Dessa forma, as atividades recreativas são fortes aliadas no processo de desenvolvimento infantil. O brincar facilita a adaptação da criança a novas experiências, garantindo domínio corporal e a descoberta de suas habilidades por meio da ludicidade. Através das brincadeiras, a criança experimenta o mundo, aprende a se relacionar, respeitar limites e a equilibrar suas emoções, proporcionando um espaço seguro para se expressar. (Hansen et al., 2007).

Marcellino (2012) destaca que as práticas recreativas possibilitam à criança exercitar sua autonomia, criatividade e convivência em sociedade. Assim, a finalidade das atividades recreativas não se limita apenas ao entretenimento, mas exerce um papel fundamental na promoção da saúde física e mental, no

fortalecimento de vínculos, no desenvolvimento das habilidades sociais e cognitivas, e no aumento da qualidade de vida.

Quando se trata de crianças com Transtorno do Espectro Autista (TEA), esse recurso ganha ainda mais relevância, pois elas enfrentam, em diferentes níveis, dificuldades na comunicação, na interação social e no comportamento, o que pode afetar diretamente suas experiências. Assim, as atividades recreativas, quando planejadas com um propósito pedagógico e sensibilidade às necessidades individuais, tornam-se ferramentas importantes para promover o desenvolvimento integral dessas crianças.

Um exemplo eficiente é o circuito psicomotor com pistas visuais, que estimula a coordenação motora fina, a orientação espacial e a atenção. Nessa tarefa, utilizam-se recursos como tapetes coloridos, cones e ilustrações com instruções claras, para simplificar a compreensão das fases. É importante que a tarefa seja previsível e que o ambiente esteja organizado para garantir o sucesso da participação da criança com TEA.

Portanto, ao incorporar atividades de lazer adaptadas em suas práticas, o professor amplia as oportunidades de aprendizado e inclusão da criança com TEA. Essas ações, além de estimularem o movimento, criam pontes de interação, sentimento de pertencimento e crescimento holístico.

### **3 CONCLUSÃO**

Os achados apresentados neste capítulo revelam, de forma clara, que a prática regular de exercícios físicos, esportes



adaptados e atividades recreativas transcende os benefícios motores para crianças com Transtorno do Espectro Autista (TEA). Ela se configura como uma ferramenta transformadora, capaz de reorganizar não apenas os movimentos, mas também as interações, emoções e processos cognitivos. Os estudos citados – desde as pesquisas pioneiras de Levinson e Reid (1993) até as intervenções contemporâneas com dança (Krüger et al., 2019) e circuitos psicomotores – demonstram que o corpo, quando estimulado de forma estruturada e sensível, torna-se um eixo de superação e autonomia.

Essa relação entre movimento e desenvolvimento nos remete a uma reflexão mais ampla: se, como apontam Corrêa et al. (2020), crianças com TEA frequentemente enfrentam barreiras na integração sensorial e na interação social, então a atividade física adaptada não é apenas uma terapia complementar, mas uma linguagem alternativa. Através dela, conquistas aparentemente simples – como seguir uma sequência rítmica, completar um circuito ou marcar um gol – tornam-se atos de comunicação consigo mesmo e com o mundo.

O caso do PREMAUT, onde crianças manifestam entusiasmo ao dominar habilidades motoras básicas antes inacessíveis, ilustra essa transformação: o exercício deixa de ser uma obrigação e passa a ser uma fonte de prazer e autoafirmação. Aqui, a filosofia se encontra com a prática: quando o movimento é mediado pelo afeto e pela ludicidade, ele se torna um caminho natural para o desenvolvimento cognitivo e social.

Os avanços observados – como a melhora na atenção, a redução das estereotípias e o maior engajamento em tarefas – também nos levam a questionar: até que ponto a sociedade tem falhado em oferecer oportunidades equitativas de movimento para indivíduos com TEA? Se programas como os citados mostram resultados tão expressivos, por que ainda são tratados como exceção e não como norma? A inclusão efetiva exige que espaços escolares, terapêuticos e comunitários reconheçam o potencial dessas intervenções e as integrem de forma sistemática.

Diante de tais indagações, cabe ressaltar que este capítulo não apenas compila evidências, mas também convida a uma mudança de perspectiva. O exercício físico, o esporte e a recreação, quando pensados além da performance, revelam-se como direitos fundamentais. Eles permitem que crianças com TEA ressignifiquem suas limitações, descubram novas formas de estar no mundo e, acima de tudo, experimentem a alegria de se perceberem capazes. Como demonstrado, os benefícios são múltiplos, mas o cerne é único: mover-se é, também, existir em plenitude.

Assim, devemos concluir com um chamado à ação: que as práticas descritas aqui inspirem não apenas profissionais, mas toda a sociedade, para que enxerguem o movimento como um pilar do desenvolvimento humano – em suas dimensões física, cognitiva e, sobretudo, afetiva para com as crianças com TEA.



## REFERÊNCIAS

ADEMIR, B. **Efeitos do exercício físico para a melhora na qualidade de vida em crianças com transtorno do espectro autista**. Trabalho de conclusão de curso, PUC. Goiás, 2022.

APA – AMERICAN PSYCHIATRIC ASSOCIATION. **Manual Diagnóstico e Estatístico de Transtornos Mentais: DSM-5**. 5. ed. Porto Alegre: Artmed, 2014.

CAVALLARI, Vinicius Ricardo; ZACHARIAS, Vany. **Trabalhando com Recreação**, 11ª edição, São Paulo SP. Editora ICONA, 2009.

CELIBERTI, D. A. et al. The differential and temporal effects of antecedent exercise on the self-stimulatory behavior of a child with autism. **Research in Developmental Disabilities**, v. 18, n.2, 139-150, 1997.

CORRÊA, V. P. et al. Impacto do exercício físico no transtorno do espectro autista: uma revisão sistemática. **Revista Brasileira de Ciências do Movimento**, v. 28, n.2, 89-99, 2020.

CURTIN, C. et al. Prevalence of overweight in children and adolescents with attention deficit hyperactivity disorder and autism spectrum disorders: a chart review. **BMC pediatrics**, v. 5, n. 48, 2005.

DUMAZEDIER, J. **Lazer e cultura popular**. São Paulo: Perspectiva, 1979.

FRAGALA-PINKHAM, M.; Haley, S. M.; O'Neil, M. E. Group aquatic

aerobic exercise for children with disabilities. **Developmental medicine and child neurology**, v. 50, n.11, 822-827, 2008.

FOURNIER, K.A. et al. Coordenação Motora em Transtornos do Espectro do Autismo: Uma Síntese e Meta -Análise. **Journal of Autism and Developmental Disorders**, v. 40, n. 10, p. 1227, 2010.

HANSEN J. et al. O brincar e suas implicações para o desenvolvimento infantil a partir da Psicologia Evolucionista. **Rev Bras Crescimento Desenvolv Hum**, v. 17, n.2, p. 133-143, 2007.

KRÜGER, G.R. et al. O efeito de um programa de atividades rítmicas na interação social e na coordenação motora em crianças com transtorno do espectro autista. **Revista Brasileira de Atividade Física & Saúde**, v.23, p.1, 2019.

LEVINSON, L. J.. REID, G. The effects of exercise intensity on the stereotypic behaviors of individuals with autism. **Adapted Physical Activity Quarterly**, v.10, n.3, 255-268, 1993.

MARCELLINO, N. C. **Estudos do lazer: uma introdução**. 5 ed. Campinas: Autores Associados, 2012.

MEREGE FILHO, Carlos Alberto Abujabra. et al. Influência do exercício físico na cognição: umaatualização sobre mecanismos fisiológicos. **Rev Bras Med Esporte**, v. 20, n. 3 - Mai/Jun, 2014.

PAULINO, G. et al. Efetividade do exercício físico para cognição e qualidade de vida em crianças com autismo: revisão sistemática. **Epitaya E-books**, [S. l.], v. 1, n. 91, p. 40-54, 2024.



PAN, C. Y. Effects of water exercise swimming program on aquatic skills and social behaviors in children with autism spectrum disorders. **Autism**, v. 14, n.1, 9-28, 2010.

PITANGA, FJG. Epidemiologia, atividade física e saúde. **Rev. Bras. Ciên. e Mov.** v. 10, n. 3, p. 49-54, 2002.

ZACHOR, D.A. et al. A eficácia de um programa de aventura ao ar livre para crianças pequenas com transtorno do espectro do autismo: um estudo controlado. **Developmental Medicine & Child Neurology**, v. 59, Issue 5, p. 550, 2017.

## ESTRATÉGIAS PARA O ENSINO DE CRIANÇAS E JOVENS COM TEA

*Iuenilde da Silva Lopes Cronemberger*

*Jessica Maria dos Santos Carvalho*

*Julian Inácio Barbosa da Rocha*

*Lorena Maria Pereira da Silva*

*Maria Layse Carvalho Aguiar*

*Paula Gardênia Campelo dos Santos*

*Mara Jordana Magalhães Costa*

### 1 INTRODUÇÃO

**A** inclusão educacional de pessoas com Transtorno do Espectro Autista (TEA) é um dos maiores desafios e compromissos da educação contemporânea. Mais do que garantir o acesso à escola, trata-se de assegurar a permanência, a aprendizagem significativa e a participação plena de crianças, jovens e adultos com autismo em todos os níveis de ensino.



O TEA é um transtorno do neurodesenvolvimento caracterizado por dificuldades na comunicação social e por padrões restritos e repetitivos de comportamento, manifestando-se em diferentes graus de intensidade (APA, 2014). Ainda segundo o DSM-5, é comum que o TEA venha acompanhado de comorbidades como o Transtorno de Déficit de Atenção e Hiperatividade (TDAH), ansiedade e dificuldades específicas de aprendizagem – fatores que exigem práticas pedagógicas ainda mais inclusivas e individualizadas.

Apesar dos avanços nas políticas de inclusão, ainda são visíveis lacunas na formação dos profissionais da educação, na infraestrutura das escolas e na compreensão social das particularidades do espectro autista. Como afirmam Camargos e Freitas (2021, p.93), “a escola inclusiva exige um rompimento com práticas cristalizadas, exigindo novas posturas, conhecimentos específicos e, sobretudo, sensibilidade para a diversidade”.

A educação de pessoas com TEA deve ser compreendida como um direito humano e social, não como privilégio ou concessão. Lacerda (2020) destaca que estratégias pedagógicas baseadas em evidências precisam ser aplicadas com intencionalidade e ética, respeitando os modos singulares de ser, pensar e aprender de cada estudante. Este capítulo tem como objetivo apresentar um conjunto de estratégias pedagógicas para o ensino de crianças, jovens e adultos com TEA, abordando desde a organização dos espaços escolares até o uso de metodologias ativas e práticas baseadas em evidências.

## 2 COMPREENDENDO O TEA NAS DIFERENTES ETAPAS DA VIDA

A trajetória escolar de uma pessoa com TEA pode ser marcada por desafios, mas também por significativas conquistas. Para promover uma inclusão efetiva, é fundamental compreender como o transtorno se manifesta nas diferentes fases da vida.

Segundo o DSM-5 (APA, 2014), os sintomas do TEA estão presentes desde a primeira infância, mas podem se expressar de maneira distinta ao longo do tempo, exigindo diferentes níveis de suporte:

- Nível 1 (Autismo Leve): Indivíduos com maior autonomia, mas que ainda apresentam dificuldades em iniciar interações sociais, manter contato visual e lidar com mudanças de rotina.
- Nível 2 (Autismo Moderado): Necessitam de apoio regular em diversas atividades, com comportamentos restritivos e dificuldades severas na comunicação e adaptação social.
- Nível 3 (Autismo Severo): Demandam apoio contínuo. Frequentemente não verbais, com comportamentos altamente repetitivos e resistência intensa ao contato social.

Na infância, predominam dificuldades no brincar simbólico, na linguagem e na atenção compartilhada. Durante a adolescência e juventude, surgem obstáculos relacionados à socialização e à adaptação escolar. Já na vida adulta, as preocupações envolvem



autonomia, inserção no mundo do trabalho e construção de relações sociais significativas.

Como destaca Almeida (2021), “não se trata apenas de ensinar conteúdos acadêmicos, mas de formar sujeitos capazes de conviver, produzir, escolher e ser no mundo.” Por isso, o educador precisa desenvolver escuta ativa, sensibilidade e domínio de práticas pedagógicas que respeitem a trajetória individual do aluno com autismo.

## **2.1 A ORGANIZAÇÃO DOS ESPAÇOS ESCOLARES COMO ATO INCLUSIVO**

A arquitetura pedagógica da escola desempenha papel crucial na inclusão de estudantes com TEA. Ambientes bem planejados – com estímulos sensoriais controlados, locais para autorregulação e sinalização visual – são fundamentais para o bem-estar e a aprendizagem desses alunos.

Segundo Oliveira (2021, p.53), os espaços escolares devem dialogar com as necessidades sensoriais dos estudantes autistas, evitando sobrecargas e promovendo segurança: “Mais do que adaptar recursos, é necessário adaptar a lógica do ambiente, criando uma escola que acolhe com o olhar e com o corpo” (Oliveira, p.53, 2021).

Na Educação Infantil, cantinhos delimitados (da leitura, da arte, do faz-de-conta), com materiais organizados, favorecem a autonomia. No Ensino Fundamental, cronogramas visuais e rotinas ilustradas contribuem para a previsibilidade. Na EJA, espaços

que respeitem o tempo e a individualidade dos estudantes são essenciais.

A escola, antes de tudo, é um espaço de convivência. Para o aluno com TEA, desenvolver habilidades sociais é tão importante quanto os conteúdos curriculares. A interação com os pares promove empatia, respeito e múltiplas formas de expressão. Ferreira (2022, p.91) enfatiza que a mediação das relações sociais é papel essencial do professor: “É preciso ser ponte entre o aluno autista e o coletivo, ajudando-o a compreender os códigos sociais e a se expressar dentro de suas possibilidades”. Nesse sentido, o papel do professor vai muito além da transmissão do conhecimento: ele atua como um facilitador que ajuda o aluno a navegar pelas complexidades das relações sociais, oferecendo suporte para que ele possa se conectar, compreender e participar do coletivo de maneira significativa, respeitando seu ritmo e singularidade.

Algumas práticas eficazes nesse campo incluem:

- Rodas de conversa com apoio visual; Jogos cooperativos, em que todos vencem juntos; Círculos de confiança para compartilhamento de emoções; Histórias sociais dramatizadas para modelar comportamentos.

Como destaca Horn (2004), a organização do espaço de aprendizagem pode estimular o desenvolvimento ao ser construída com e para os estudantes, respeitando suas necessidades e promovendo interação significativa.



## 2.2 PRÁTICAS PEDAGÓGICAS BASEADAS EM EVIDÊNCIAS

A literatura científica reforça a importância de utilizar estratégias educacionais fundamentadas em evidências para o ensino de alunos com TEA. Essas práticas combinam o melhor conhecimento científico disponível com a experiência do educador e as preferências do aluno.

Tais intervenções não apenas promovem melhores resultados acadêmicos, como também contribuem para a autonomia, comunicação e inclusão social dos estudantes.

Lacerda (2020) e Liberalesso e Lacerda (2021) apontam algumas das práticas mais eficazes:

- ABA (Análise do Comportamento Aplicada): Utiliza reforços positivos e avaliações sistemáticas para promover comportamentos desejados.
- CAA (Comunicação Alternativa e Aumentativa): Emprego de figuras, pranchas, aplicativos e outros recursos para ampliar a comunicação.
- Ensino estruturado (TEACCH): Atividades com início, meio e fim definidos, em ambientes previsíveis e organizados.
- Histórias sociais: Narrativas simples que explicam situações cotidianas e orientam comportamentos apropriados.

Essas estratégias devem ser utilizadas não como um fim em si mesmas, mas como ferramentas para promover

o protagonismo e a dignidade do sujeito com TEA, sendo fundamentais para garantir uma intervenção eficaz e significativa para o desenvolvimento do aluno, com benefícios que vão desde a melhora da comunicação à promoção de autonomia e maior funcionalidade.

### **3 ESTRATÉGIAS POR ETAPA DA EDUCAÇÃO**

#### **3.1 Educação Infantil**

Na Educação Infantil, o lúdico é o fio condutor da aprendizagem. Para crianças com TEA, atividades sensoriais bem planejadas auxiliam na integração sensorial e na comunicação. Materiais como massinha, blocos de montar, painéis táteis e músicas com gestos facilitam a expressão e o envolvimento.

A rotina é um elemento essencial. Como indicam Ferreira (2022) e Cunha (2015), a previsibilidade reduz a ansiedade e permite que a criança organize suas ações. “A rotina clara é como um mapa para o aluno com TEA: ela sinaliza onde ele está e para onde está indo, promovendo segurança” (Cunha, 2015, p.39). Utilizar quadros com imagens que indiquem as etapas do dia, como “chegada”, “lanche”, “história” e “brincar”, favorece a compreensão do tempo e do espaço.

Atividades em dupla com mediação, em roda, uso de fantoches para conversas simples e reforçadores imediatos (adesivos, carimbos, elogios) contribuem para a socialização e o comportamento positivo. Além disso, é fundamental que os



adultos respeitem o tempo da criança e acolham suas formas alternativas de comunicação.

Outra estratégia envolve o uso da coordenação motora fina em atividades que também favoreçam a relação interpessoal dos alunos, como o desenho em grupo. Conforme afirma Castelo Branco (2022, p.70):

Ao permitir que uma criança desenhe a outra, ela está percebendo os detalhes característicos do outro. Para os autistas essas atividades são importantes porque seu interesse persistente está sempre voltado a determinado objeto em um ambiente.

Para esta etapa, o desenvolvimento de atividades que favoreçam as relações interpessoais e estimulem habilidades comunicativas e motoras é crucial. Considerando que esta fase é a base da jornada educacional dos sujeitos, ela deve ser encarada com empatia, responsabilidade e empenho, podendo ser fundamentada nos objetivos e habilidades indicadas em documentos como a Base Nacional Comum Curricular (BNCC, 2018), adaptando-se com atenção às demandas particulares de cada criança.

### **3.2 Ensino Fundamental**

Nessa fase, a criança começa a lidar com conteúdos curriculares mais sistematizados. O desafio é articular o acesso ao conteúdo com o respeito às diversas formas de aprendizagem. Ferramentas como histórias sociais, jogos de memória

visual, atividades com passos ilustrados, quebra-cabeças e dramatizações facilitam a construção do conhecimento.

De acordo com Camargos e Freitas (2021), adaptar não significa simplificar, mas tornar o conteúdo acessível. A adaptação curricular deve considerar os objetivos essenciais e as habilidades que podem ser desenvolvidas a partir dos interesses do aluno. Por exemplo, se o estudante gosta de dinossauros, é possível desenvolver leitura, escrita e matemática com base nesse tema.

É também neste ciclo que as **habilidades sociais** precisam ser trabalhadas com maior ênfase. Programas de tutoria entre colegas, mediação de conflitos com apoio visual e construção de regras compartilhadas contribuem para o pertencimento ao grupo e o respeito às diferenças.

### **3.3 Ensino Médio e EJA**

No Ensino Médio e na Educação de Jovens e Adultos (EJA), o foco se amplia para a formação da cidadania, da autonomia e da preparação para o mundo do trabalho. Muitos alunos com TEA chegam a essa etapa com históricos de exclusão ou fracasso escolar. Por isso, é necessário reconstruir vínculos com a aprendizagem, valorizar seus saberes e criar pontes para a vida adulta.

Projetos interdisciplinares que envolvam pesquisa, criação de produtos, apresentações ou oficinas práticas são bastante eficazes. O uso de cronogramas semanais, fichas de acompanhamento de tarefas, apoio visual nas avaliações e tempo adicional são recursos que promovem a equidade.



Programas de orientação vocacional, visitas técnicas, rodas de conversa sobre mercado de trabalho e parcerias com instituições inclusivas são fundamentais para pensar a transição para a vida ativa. Como afirma Almeida (2021, p. 124): “Uma escola inclusiva projeta o futuro de seus alunos, garantindo a formação de sujeitos autônomos e protagonistas”. Dessa forma, elementos essenciais para que os jovens com TEA possam se inserir na sociedade com dignidade, ampliando suas possibilidades e exercendo seus direitos como cidadãos plenos.

### **3 ESTRATÉGIAS DE ENSINO EM ATIVIDADES EXTRACURRICULARES**

Como já mencionado, é necessário utilizar estratégias de ensino inclusivas e eficientes para o aprendizado de todas as crianças, especialmente aquelas atípicas, que geralmente demandam maior suporte no processo de ensino-aprendizagem, de forma agregadora e específica às suas dificuldades.

Diante disso, é fundamental escolher práticas educativas que valorizem a diversidade humana e promovam ambientes inclusivos. Nesse contexto, oficinas, projetos, clubes e ações comunitárias são espaços que trazem oportunidades de aprendizagem e desenvolvimento além da escola, atuando com o público atípico em diversos aspectos do desenvolvimento humano, como coordenação motora ampla e fina, organização espacial, equilíbrio, atenção e desenvolvimento cognitivo.

Para que esses projetos sejam acessíveis e proveitosos, os professores, educadores e monitores envolvidos precisam

dominar estratégias pedagógicas adaptadas às particularidades do espectro autista. Um exemplo prático é o PREMAUT – Projeto de Extensão de Atividades Motoras para Pessoas com Autismo, iniciativa da Universidade Federal do Piauí que conta com a monitoria de acadêmicos de diversos cursos. O projeto busca desenvolver de forma ampla e eficiente as habilidades motoras e cognitivas de crianças e jovens com TEA, trabalhando diferentes aspectos da motricidade humana por meio de aulas semanais.

Dentre as estratégias de ensino, muitas ferramentas já mencionadas podem ser usadas além do ambiente escolar, favorecendo espaços inclusivos em ações e projetos comunitários. Destacam-se a comunicação, o apoio individualizado, a mediação e a avaliação.

A comunicação é fundamental para manter a confiança, a amizade, a segurança e o respeito, além de ajudar a reduzir a ansiedade do sujeito neurodivergente. Deve ser funcional, ou seja, significativa para a criança, respeitando seu nível de compreensão (Rogers; Dawson, 2013). Assim, a comunicação é uma ferramenta essencial para reconhecer os limites do aluno, propondo atividades que o desafiem, mas que estejam dentro de suas capacidades, atendendo às suas individualidades e estimulando a comunicação integral, incluindo a escuta sensível àquilo que muitas vezes não é expressado verbalmente.

O apoio individualizado e a mediação são necessários para acompanhar eficazmente o desenvolvimento do aluno, especialmente em projetos que envolvam socialização e etapas progressivas. A mediação pode facilitar a adaptação, auxiliar na



resolução de conflitos e promover a autonomia gradativa (Tonoli; Lunz, 2023).

As formas de avaliação são essenciais para que o professor, educador ou monitor possa mensurar o desenvolvimento do aluno por meio das atividades, identificar se as dificuldades diminuíram, se os estímulos surtiram efeito e se as habilidades continuam sendo desenvolvidas com sucesso. Por isso, a avaliação deve considerar o progresso individual e não apenas resultados padronizados.

Assim, projetos extracurriculares e atividades fora da sala de aula são oportunidades poderosas de desenvolvimento para pessoas com TEA, superando a crença de que o aprendizado limita-se às paredes da escola. Esses ambientes aprimoram as vivências da pessoa neurodivergente. Contudo, reforçamos que a adoção de estratégias sensíveis, fundamentadas e adaptadas é indispensável, pois o sucesso dessas práticas depende diretamente do preparo técnico e humano dos educadores envolvidos. Com escuta ativa, planejamento cuidadoso e compromisso com a inclusão, é possível promover experiências educativas transformadoras, com aprendizado, convivência e desenvolvimento em sua máxima potencialidade.

## **5 USO DE RECURSOS DIDÁTICOS E TECNOLOGIAS ASSISTIVAS**

O uso de recursos didáticos adaptados é elemento central no ensino inclusivo. Recursos visuais, materiais táteis, textos com pictogramas, vídeos legendados, aplicativos de apoio e pranchas de comunicação podem ser a ponte entre o aluno e o conhecimento.

Camargos e Freitas (2021) enfatizam que a tecnologia assistiva deve ser incorporada ao cotidiano da sala de aula, não como exceção, mas como parte do planejamento. Aplicativos como “LetMeTalk”, “Avaz” ou “Cboard” permitem que alunos não verbais se comuniquem com mais autonomia. Plataformas como “Google Classroom” ou “Kahoot!” também podem ser adaptadas para a participação ativa de estudantes com TEA.

Além da tecnologia, jogos pedagógicos adaptados, baralhos de emoções, quadros de escolha e livros acessíveis são ferramentas poderosas. A diversidade de materiais permite que os alunos expressem seu potencial de maneira rica e criativa.

## **6 O PAPEL DO PROFESSOR E DA EQUIPE INTERDISCIPLINAR**

Nenhuma estratégia será eficaz se o educador não estiver preparado e disposto a promover uma prática inclusiva. A formação docente é a base de toda mudança. Como aponta Lacerda (2020), a atuação do professor precisa ser intencional, embasada teoricamente e conectada à realidade dos estudantes.

O professor do aluno com TEA deve ser, acima de tudo, **um educador mediador**, que escuta, observa, adapta e acolhe. Ele precisa articular saberes da pedagogia com princípios da Neurociência, Psicologia e Sociologia, pois o desenvolvimento ocorre de forma interdisciplinar. A colaboração com Psicopedagogos, Fonoaudiólogos, Terapeutas Ocupacionais e Psicólogos potencializa as ações pedagógicas e contribui significativamente para a vida e o bem-estar do sujeito.



A relação com a família também é indispensável. Reuniões de escuta, troca de informações sobre o cotidiano, registro de progressos e envio de atividades adaptadas para casa fortalecem essa parceria. Quando escola e família trabalham juntas, o aluno sente-se mais seguro e valorizado.

## **7 TRANSIÇÃO PARA A VIDA ADULTA E INSERÇÃO SOCIAL**

Um dos maiores desafios para pessoas com TEA é a transição da escola para a vida adulta. Para muitos, o término da escolaridade regular representa o fim do apoio institucional. Por isso, a escola deve antecipar esse momento, preparando o aluno para a vida prática, o trabalho e a autonomia.

Programas de iniciação profissional, oficinas de habilidades para a vida diária (como utilizar o transporte público, administrar dinheiro e cuidar da higiene pessoal), simulações de entrevistas e apoio à inserção em ambientes laborais inclusivos são estratégias necessárias. Como defendem Camargos e Freitas (2021, p.97), “uma escola verdadeiramente inclusiva não apenas acolhe, mas também prepara para o futuro”.

Além disso, é importante combater o capacitismo e promover uma cultura de valorização da diferença, criando redes de apoio social que envolvam empresas, universidades, associações e o poder público, ampliando a conscientização e o cuidado indispensáveis para pessoas com TEA.

## 8 USO DE RECURSOS TECNOLÓGICOS NA ALFABETIZAÇÃO

A alfabetização de crianças com Transtorno do Espectro Autista (TEA) representa um desafio significativo para educadores, exigindo abordagens pedagógicas adaptadas às necessidades específicas desses alunos. Nesse contexto, o uso de recursos tecnológicos tem se mostrado uma estratégia eficaz para promover a inclusão e facilitar o processo de aprendizagem.

Oliveira (2024) destaca que a integração de métodos de ensino com recursos tecnológicos específicos é essencial para a alfabetização de alunos com TEA. Em sua pesquisa, identificou que abordagens como a Análise do Comportamento Aplicada (ABA), o Sistema de Comunicação por Troca de Figuras (PECS) e o Tratamento e Educação para Autistas e Crianças com Deficiências Relacionadas à Comunicação (TEACCH) são amplamente utilizadas. Além disso, aplicativos como Lina Educa e ABC Autismo têm sido empregados como ferramentas auxiliares no ensino da leitura e escrita.

Complementando essa perspectiva, Hummel e Ferreira (2023) analisaram o impacto de jogos digitais no processo de alfabetização de alunos com TEA. Os resultados indicaram que esses jogos, quando bem planejados, podem contribuir significativamente para o desenvolvimento de habilidades linguísticas e cognitivas, além de promover maior engajamento dos estudantes.

Silva et al. (2021) realizaram uma análise de aplicativos disponíveis na plataforma Google Play voltados para a



alfabetização de crianças com TEA. Os autores destacaram que aplicativos como Lina Educa, ABC Autismo, Aprendendo com Biel e seus amigos e Livox incorporam metodologias baseadas em ABA e TEACCH, oferecendo interfaces interativas e adaptáveis às necessidades dos alunos. Essas evidências sugerem que a utilização de recursos tecnológicos, quando alinhada a metodologias pedagógicas adequadas, pode facilitar o processo de alfabetização de crianças com TEA.

No entanto, é fundamental que os educadores recebam formação contínua para integrar essas ferramentas de forma eficaz em suas práticas pedagógicas, garantindo uma abordagem inclusiva e personalizada.

Apesar dos avanços no campo da inclusão, muitos desafios ainda precisam ser superados no processo de alfabetização de crianças com TEA. É necessário que as escolas não apenas disponibilizem tecnologias, mas também invistam na formação continuada dos professores, para que saibam utilizá-las de maneira pedagógica e significativa. A simples presença de um recurso digital não garante aprendizagem; o diferencial está no modo como ele é inserido no cotidiano escolar, respeitando o ritmo, os interesses e as necessidades específicas de cada aluno.

Por fim, é importante destacar que a tecnologia não substitui o olhar sensível e a escuta atenta do educador. Ela deve ser vista como uma aliada no processo de mediação do conhecimento, e não como uma solução mágica. Cada criança com TEA é única, e o sucesso da alfabetização depende do trabalho conjunto entre escola, família e equipe multidisciplinar, sempre com foco no

desenvolvimento integral do estudante. Investir em acessibilidade pedagógica é garantir o direito de todos à educação de qualidade.

## **9 PERFIL SENSORIAL DE ESTUDANTES COM TEA E ADAPTAÇÕES NO AMBIENTE ESCOLAR: ENFOQUE NA EDUCAÇÃO FÍSICA**

O Transtorno do Espectro Autista (TEA) é uma condição do neurodesenvolvimento que apresenta ampla variabilidade em seus sintomas e manifestações. Uma característica frequentemente observada em pessoas com TEA são as alterações no processamento sensorial, que podem influenciar significativamente seu comportamento, aprendizagem e interação com o ambiente escolar, conforme afirmam Schliemann, Alves e Duarte (2020).

Tais alterações sensoriais se manifestam de formas diversas: algumas crianças demonstram hipersensibilidade a estímulos como luzes fortes, ruídos intensos, texturas ou contato físico; outras apresentam hipossensibilidade, buscando estímulos sensoriais de forma intensa. De acordo com Teixeira e Daronco (2022), em ambos os casos, a forma como esses alunos percebem e reagem ao ambiente influencia diretamente sua participação nas atividades escolares, especialmente em contextos como as aulas de Educação Física, que envolvem movimento, sons e interações físicas.

Nesse sentido, a Educação Física escolar representa um campo fértil tanto para oportunidades de desenvolvimento



quanto para desafios inclusivos. A estrutura tradicional dessas aulas, muitas vezes baseada em jogos coletivos, competição e ambientes ruidosos, pode causar sobrecarga sensorial em estudantes com TEA, levando à recusa em participar, crises de desregulação emocional ou isolamento social, conforme apontam Ribeiro, Vieira e Freire (2024).

A compreensão do perfil sensorial de cada aluno é, portanto, essencial para a construção de práticas pedagógicas verdadeiramente inclusivas. Estratégias individualizadas e respeitadas podem envolver o uso de instruções visuais para antecipar as atividades, a oferta de espaços alternativos destinados ao descanso ou à autorregulação sensorial, a diminuição de estímulos auditivos e a adaptação dos materiais didáticos. Professores têm observado que pequenas mudanças, como substituir apitos por sinais visuais ou evitar jogos com contato físico intenso, promovem maior engajamento de estudantes com TEA, conforme Silva (2021).

Nesse contexto, a formação dos docentes revela-se um fator decisivo. Ainda é comum que profissionais de Educação Física manifestem insegurança ao adaptar as aulas para atender às necessidades desses alunos, reflexo da carência de preparação específica nos cursos de licenciatura. Essa fragilidade na formação inicial compromete a mediação de atividades que considerem os limites sensoriais e emocionais dos estudantes, conforme analisam Ribeiro, Vieira e Freire (2024).

Portanto, compreender o perfil sensorial dos alunos com TEA é uma das chaves para o sucesso da inclusão escolar.

Na Educação Física, onde o corpo, o espaço e a interação são protagonistas, essas adaptações ganham ainda mais relevância. Quando o ambiente é ajustado de forma cuidadosa e consciente, todos os alunos se beneficiam, construindo um espaço de aprendizagem mais justo e verdadeiramente inclusivo.

## **10 CONCLUSÃO**

Educar pessoas com TEA é um ato político, ético e profundamente humano. Requer compromisso com a inclusão, conhecimento teórico, sensibilidade prática e disposição para aprender com o outro. Não basta garantir a matrícula; é preciso assegurar a permanência, o pertencimento e o desenvolvimento.

Este capítulo apresentou estratégias eficazes e acessíveis para o ensino de crianças, jovens e adultos com TEA, destacando a importância da escuta, da adaptação dos espaços, do uso de tecnologias assistivas, das práticas baseadas em evidências e da mediação das relações sociais. O papel do professor e da equipe interdisciplinar também foi enfatizado como eixo central da inclusão.

Como lembra Cunha (2015, p.12), “o aluno com autismo pode aprender, crescer e se desenvolver – desde que a escola o reconheça como sujeito singular, capaz e digno”. Que essa visão continue inspirando educadores e transformando vidas.



## REFERÊNCIAS

ALMEIDA, Flávio Aparecido de. Crianças autistas e os desafios de uma escola pública verdadeiramente inclusiva. In: ALMEIDA, Flávio Aparecido (org.). **Autismo: avanços e desafios**. Ponta Grossa: Atena Editora, 2021.

APA – AMERICAN PSYCHIATRIC ASSOCIATION. **Manual Diagnóstico e Estatístico de Transtornos Mentais: DSM-5**. 5. ed. Porto Alegre: Artmed, 2014.

CAMARGOS, Mariângela Terra Branco; FREITAS, Liana Junqueira Sabino de. O desafio de uma nova escola: inclusiva e adequada aos autistas. In: ALMEIDA, Flávio Aparecido (org.). **Autismo: avanços e desafios**. Ponta Grossa: Atena Editora, 2021.

CASTELO BRANCO, Marcela Oliveira. **Neurociência e práticas pedagógicas: contribuições para o ensino de crianças autistas**. Teresina: EdUESPI, 2022.

CUNHA, Eugênio. **Autismo na escola: um jeito diferente de aprender, um jeito diferente de ensinar**. 2. ed. Rio de Janeiro: Wak, 2015.

FERREIRA, Mylene Oliveira Vieira. **Educação Inclusiva na Escola - Autismo**. São Paulo: Dialética, 2022.

HORN, Maria da Graça Souza. **Sabores, cores, sons, aromas: a organização dos espaços na educação infantil**. Porto Alegre: Artmed, 2004.

HUMMEL, Eromi Izabel; FERREIRA, Simone. Jogos digitais como recurso de tecnologia assistiva na alfabetização de alunos com transtorno do espectro autista. **Human Factors in Design**, Florianópolis, v. 12, n. 24, p. 048-057, 2023.

LACERDA, Lucelmo. Práticas baseadas em evidências e o autismo. In: LIBERALESSO, Paulo; LACERDA, Lucelmo (orgs.). **Autismo: compreensão e práticas baseadas em evidências**. São Paulo: Memnon Edições Científicas, 2020. cap. 1.

LIBERALESSO, Paulo; LACERDA, Lucelmo. **Autismo: compreensão e práticas baseadas em evidências**. Curitiba: Juruá, 2021.

OLIVEIRA, Ana Flavia Teodoro M. **Autistas e os espaços escolares adaptados**. Campinas: Mercado de Letras, 2021.

OLIVEIRA, Bruna Luanna Franco de. **Métodos de ensino e recursos tecnológicos aplicados na alfabetização de alunos com Transtorno do Espectro Autista**: manual digital para alfabetização de alunos com TEA. 2024. Dissertação (Mestrado em Ensino de Ciências Humanas, Sociais e da Natureza) – Universidade Tecnológica Federal do Paraná, Londrina, 2024.

RIBEIRO, D. M.; VIEIRA, G. A. B.; FREIRE, C. F. C. A formação do(a) professor(a) de educação física face à inclusão de crianças com Transtorno do Espectro Autista: entre a legislação e o currículo das licenciaturas. **Revista Diálogos e Perspectivas em Educação Especial**, 2024.

ROGERS, S. J.; DAWSON, G. **Intervenção Precoce em Crianças**



**com Autismo** : O Modelo Denver de Intervenção Precoce. Porto Alegre: Artmed, 2013.

SCHLIEMANN, A.; ALVES, M. L. T.; DUARTE, E. Educação física inclusiva e autismo: perspectivas de pais, alunos, professores e seus desafios. **Revista Brasileira de Educação Física e Esporte**, v. 34, n. esp., p. 77-86, 2020.

SILVA, M. V. da. **O uso de tecnologias assistivas para inclusão de alunos autistas nas aulas de educação física**. 2021. 21 f. Trabalho de Conclusão de Curso (Especialização em Estratégias Didáticas na Educação Básica com uso das Tecnologias de Informação e Comunicação) – Universidade Federal de Alagoas, Maceió, 2020.

SILVA, Danielle A. et al. Tecnologias Assistivas para Alfabetização de Crianças com TEA: Uma Análise de Aplicativos da Plataforma Google Play. In: WORKSHOP DE INFORMÁTICA NA ESCOLA (WIE), 27., 2021, On-line. **Anais** [...]. Porto Alegre: Sociedade Brasileira de Computação, 2021. p. 255-266.

TEIXEIRA, R. P.; DARONCO, L. S. E. Desafios e possibilidades na inclusão de alunos e alunas com TEA nas aulas de Educação Física. **Research, Society and Development**, v. 11, n. 13, 2022.

TONOLI, R.; LUNZ, M. **Recursos didáticos para estudantes com transtorno do espectro autista**: uma análise de práticas pedagógicas. Ensipex, 2023.

## ATIVIDADES ADAPTADAS PARA CRIANÇAS E JOVENS COM TEA

*Carolina Mendes dos Santos*

*Luana Silva França*

*Nara Nathaly Valadão de Carvalho*

*Rodolfo Matheus Lopes Passos*

*Saul Hidelbrando de Carvalho Holanda*

*Tadeu Alves dos Santos Junior*

*Yoanna Pontes Alves*

*Mara Jordana Magalhães Costa*

### 1 INTRODUÇÃO

**G**laner (2002) aponta que qualquer movimento corporal que aumente o gasto energético em relação ao repouso é considerado atividade física. Sua inclusão nas rotinas diárias, seja no trabalho ou lazer, contribui de forma significativa para a manutenção da saúde e prevenção de doenças crônicas.



Para Guedes e Guedes (2012), a atividade física envolve qualquer movimento que eleve o gasto energético, enquanto a aptidão física diz respeito à capacidade biológica de realizar esforços e movimentos com eficiência.

Estudos recentes, como os da Organização Mundial de Saúde (OMS, 2020), demonstram que a prática regular de atividades físicas está relacionada a melhorias na saúde cardiovascular, controle do peso, fortalecimento muscular e ósseo, além de auxiliar na saúde mental ao reduzir sintomas de ansiedade, depressão e estresse. Nahas (2010) também destaca que a regularidade e sistematização das atividades físicas figuram entre as estratégias mais eficazes para promover saúde e qualidade de vida.

Ainda segundo a OMS (2020), a atividade física é definida como qualquer movimento realizado pelos músculos esqueléticos que resulte em gasto de energia. Isso inclui exercícios planejados, atividades recreativas, deslocamentos como caminhar ou pedalar, tarefas domésticas e atividades ocupacionais. Suas diretrizes mais recentes recomendam:

- Para adultos entre 18 e 64 anos: entre 150 a 300 minutos semanais de atividade aeróbica moderada, ou 75 a 150 minutos de atividade vigorosa, além de exercícios de fortalecimento muscular em ao menos dois dias por semana.
- Para idosos a partir de 65 anos: as mesmas orientações dos adultos, acrescidas de atividades que melhorem equilíbrio e coordenação, prevenindo quedas.

- Para crianças e adolescentes de 5 a 17 anos: no mínimo 60 minutos diários de atividade aeróbica de intensidade moderada a vigorosa, incluindo fortalecimento muscular e ósseo em pelo menos três dias por semana.

Portanto, entende-se atividade física como qualquer ação que gere gasto energético, englobando desde atividades estruturadas até rotinas diárias simples, como subir escadas ou realizar afazeres domésticos. Seus efeitos positivos são amplamente comprovados: prevenção de doenças crônicas, fortalecimento do sistema imunológico, melhora da saúde mental e aumento da qualidade de vida geral. (Nahas, 2017). Adotar um estilo de vida ativo é uma das formas mais acessíveis e eficazes de investir na própria saúde, independentemente da idade ou condição física.

## **2 Criança e jovem com deficiência: conceito, classificação e características**

De acordo com a Convenção sobre os Direitos das Pessoas com Deficiência (CDPD) e o Estatuto da Criança e do Adolescente (ECA), crianças com deficiência são aquelas que possuem impedimentos de longo prazo de natureza física, intelectual, mental ou sensorial, os quais, quando interagem com barreiras sociais, podem comprometer sua plena participação na sociedade em igualdade de condições com as demais. Estima-se que existam aproximadamente 240 milhões de crianças com deficiência em todo o mundo (Unicef, 2021).



Tais deficiências podem afetar diferentes áreas da vida, como a social e a educacional. No entanto, é fundamental ressaltar que essas crianças têm direito à inclusão, ao respeito e à valorização, independentemente de suas limitações. A deficiência deve ser compreendida como uma condição, e não como uma doença. O uso inadequado do termo ainda reflete o preconceito e a ignorância socialmente enraizados, sendo essencial desconstruir tais ideias para garantir direitos como educação, saúde e lazer.

Compreender qual a deficiência é crucial para atender adequadamente às necessidades de cada criança. Como afirmam Nogueira et al. (2016), é necessário considerar cada indivíduo em sua singularidade e dentro do contexto social no qual está inserido, respeitando suas particularidades e reconhecendo suas capacidades de enfrentar as limitações.

A participação ativa da família é determinante para o desenvolvimento da criança com deficiência. O diagnóstico precoce e o acompanhamento profissional contínuo contribuem para minimizar limitações e fomentar a autonomia e a qualidade de vida. Quanto mais cedo forem iniciadas as intervenções, melhores serão os resultados.

Entender o que é uma criança com deficiência vai além da identificação de suas limitações; trata-se de reconhecer que, assim como qualquer outra criança, ela possui potencialidades, sentimentos, direitos e deve ser respeitada. A deficiência não representa um obstáculo intransponível, mas sim uma condição que, com apoio e inclusão, pode permitir uma vida plena.

No caso do jovem com deficiência, a compreensão deve ultrapassar o aspecto biológico, considerando também as dimensões sociais, culturais e políticas. Aranha (2004) observa que, ao longo da história, as sociedades transformaram sua visão sobre a deficiência, influenciadas por contextos socioeconômicos e culturais, o que modificou tanto os pensamentos quanto as práticas sociais relacionadas às pessoas com deficiência.

Com o avanço dos debates sobre direitos e inclusão, a ideia de que jovens com deficiência não podem ter as mesmas oportunidades vem sendo desconstruída, embora ainda existam barreiras alimentadas por preconceitos e falta de informação. Refletir sobre o que é ser adolescente, com ou sem deficiência ou TEA, é essencial. Existem diferenças, sim, e elas exigem abordagens distintas. No entanto, o foco deve estar em promover adaptações que favoreçam a participação autônoma, estimulando o desenvolvimento de habilidades sociais, físicas, emocionais e cognitivas.

Como afirmam Rodrigues e Sousa (2016), o ser humano não é moldado apenas por fatores biológicos, mas por uma inter-relação histórica e social. Dessa forma, o desenvolvimento ocorre nas práticas e nas relações sociais, sendo o sujeito simultaneamente produto e agente desse processo.

Durante a adolescência, uma fase essencial para o crescimento físico e social, a ausência de experiências significativas pode comprometer a qualidade de vida e a autonomia. O Transtorno do Espectro Autista (TEA), por sua natureza complexa, pode impactar diversas áreas do comportamento e estar associado a comorbidades que dificultam a funcionalidade plena e afetam a



autoestima. Contudo, isso não exclui a possibilidade de interação e participação em diferentes contextos ao longo da vida.

Adolescentes com deficiência possuem gostos, sonhos, habilidades e desafios como quaisquer outros indivíduos. Seu desenvolvimento será moldado pelas experiências, estímulos e aprendizagens que vivenciam. As necessidades de socialização, competição, brincadeiras e aprendizagem continuam presentes, embora possam ser atrasadas pela falta de incentivo. É essencial que ambientes como escola, clubes e famílias atuem de forma integrada, dialogando e colaborando para a formação integral desses jovens.

### **3 Atividades adaptadas para crianças e jovens com deficiência**

As atividades adaptadas são muito importantes para o desenvolvimento de crianças, jovens, adultos e idosos. Durante a vida, realizamos inúmeras tarefas, sejam elas para nossa sobrevivência, socialização ou trabalho. Desde o nascimento, as crianças vão criando aptidões denominadas marcos do desenvolvimento, como, por exemplo: falar, rolar, caminhar, comer e correr. Posteriormente, essas ações terão grande influência na sua vivência, seja no ambiente familiar, na escola ou no trabalho.

Nesse contexto, a organização dessas atividades adaptadas é importante para a autonomia, pois, a partir dela, conseguimos uma vida mais autônoma e de qualidade, ou seja, poder comer sozinho, estudar, compreender cada emoção e socializar de forma clara e objetiva.

Essas adaptações podem ser observadas e realizadas no ambiente familiar, escolar e de trabalho, como, por exemplo, a família na criação e explicação da rotina, na escola com atividades e provas adaptadas, e no ambiente de trabalho, com locais regulamentados e formas diferenciadas de atuar. Também envolve o planejamento e a execução das atividades em projetos, que muitas vezes são adaptados de forma única para cada aluno, devido ao seu caso clínico.

Realizar essas adaptações é uma forma de assegurar e resguardar o desenvolvimento da pessoa com TEA em seus diferentes níveis. Além disso, essas adaptações são respaldadas por leis importantes, como a Lei nº 13.146/2015, que garante adaptações para crianças e pessoas com TEA. Essa é a Lei Brasileira de Inclusão da Pessoa com Deficiência, também conhecida como Estatuto da Pessoa com Deficiência, que reconhece o TEA como deficiência e assegura direitos, incluindo adaptações curriculares e apoio especializado na educação.

Outra lei relevante é a Lei nº 12.764/2012 (Lei Berenice Piana), que institui a Política Nacional de Proteção dos Direitos da Pessoa com TEA, garantindo direitos como diagnóstico precoce, tratamento e acesso a serviços de saúde, educação e proteção social.

A partir dessas adaptações, ocorrem benefícios significativos para essas pessoas, com melhorias na qualidade de vida e no desenvolvimento, principalmente nos pilares mencionados e nos desafios do dia a dia.

A inserção de crianças com deficiência em programas esportivos e recreativos desempenha papel fundamental



na promoção da inclusão social, no desenvolvimento das habilidades motoras e na melhoria da qualidade de vida. Além de favorecer o condicionamento físico e a função motora, essas práticas também contribuem para fortalecer a autoestima e construir relações interpessoais mais saudáveis (Demirci, 2019; Silva; Duarte, 2020).

No caso específico de crianças com TEA, atividades motoras estruturadas promovem avanços na coordenação, no equilíbrio, na atenção compartilhada e na autorregulação emocional, aspectos frequentemente comprometidos nesse público (Bremer; Crozier; Lloyd, 2016). Estudos apontam ainda que intervenções motoras adaptadas favorecem não apenas o desenvolvimento físico, mas também a participação social e o engajamento em ambientes escolares e comunitários (Healy; Garcia; Udry, 2018).

Dentro do desenvolvimento infantil, é de suma importância oportunizar a maior gama possível de repertório motor à criança tanto no seu ambiente familiar, quanto em seu ambiente escolar e social como um todo, à prática de atividades que envolvem coordenação motora ampla, estimulação do fortalecimento do tônus muscular, atenção sustentada e alternada, propriocepção motora, ritmo, socialização e tantas outras habilidades que juntas irão levar a criança a um pleno desenvolvimento. Esses componentes são fundamentais para a autonomia nas atividades da vida diária e para o engajamento ativo em contextos educacionais e comunitários (Rosa Neto, 2002). Crianças com deficiências motoras ou de neurodesenvolvimento, como paralisia cerebral ou Transtorno do Espectro Autista (TEA), apresentam

desafios específicos que podem ser reduzidos com programas adequadamente planejados e individualizados, que envolvam atividades específicas e contínuas afim de proporcionar um real engajamento e desenvolvimento a criança. (Healy; Garcia; Udry, 2018).



(Prática de Iniciação ao Futebol. Projeto de extensão: PREMAUT)

As práticas esportivas incentivam múltiplas habilidades motoras e sociais, contribuindo positivamente para a inclusão da criança em ambientes geralmente estigmatizados como excludentes, favorecendo maior independência e oferecendo a possibilidade de uma melhor qualidade de vida em diversos aspectos.



A atividade física representa uma oportunidade valiosa para a construção da autoestima, do senso de competência e da autorregulação emocional. Ambientes de prática inclusiva também favorecem o desenvolvimento de habilidades sociais, como o respeito às regras, a colaboração em grupo e a comunicação, contribuindo significativamente para a inclusão social e a diminuição do estigma (Goodwin; Watkinson, 2000). Portanto, é importante incentivar e tornar visíveis projetos que possibilitem práticas de atividades físicas inclusivas, pois amparam uma parcela da sociedade que muitas vezes não tem a oportunidade de explorar suas verdadeiras capacidades de forma plena.

Em suma, a atividade física, quando aplicada de forma intencional, inclusiva e adaptada, é um instrumento poderoso para a promoção da saúde, da cidadania e do desenvolvimento integral da criança com deficiência, sendo um direito garantido pelas diretrizes educacionais e de saúde pública.



(Imagens: Projeto de Extensão: PREMAUT).

Na infância, é preciso se movimentar para se desenvolver; e essa necessidade contínua na adolescência, na fase adulta e na

velhice. A prática constante do movimento por meio de atividades físicas traz retornos positivos, como prevenção de doenças, envelhecimento saudável, melhora da qualidade de vida e aumento da autonomia. É importante destacar que essas práticas precisam ser bem elaboradas para não causar efeitos contrários aos esperados, que, nesse caso, é a saúde.

Além de adquirir força, resistência, agilidade, coordenação motora e equilíbrio, o jovem com deficiência que pratica exercícios físicos também se relaciona com outras pessoas, desenvolvendo a interação social e trabalhando a saúde mental. O esporte é um exemplo de prática que contribui para que o jovem PCD esteja incluído na sociedade. Estar em um ambiente preparado e acolhedor influencia para que o jovem permaneça praticando exercícios físicos.

A relação do exercício físico na juventude contribui para minimizar o sedentarismo e para o desenvolvimento das habilidades motoras e sociais. A parte social é importante, pois, ao frequentar locais e interagir com outras pessoas, o indivíduo desenvolve senso crítico, seu próprio pensamento e ainda trata a ansiedade e depressão (Daros et al., 2024).

Na fase da adolescência, ocorrem transformações físicas e emocionais, e a vivência do esporte ajuda o adolescente a se descobrir, construindo sua identidade e seu autocuidado, algo imprescindível nessa fase da vida. Ao entrar na vida adulta, esse jovem provavelmente estará mais preparado para lidar com frustrações e situações que possam gerar estresse.

De acordo com Noce et al. (2022), pessoas com deficiência estão mais propensas a desenvolver problemas de saúde



mental, como ansiedade e depressão, que estão ligados à falta de autonomia, de amparo social e de condições fisiológicas. A prática de atividade física deve auxiliar na melhora mental, com atividades personalizadas, acolhedoras e seguras. Por meio delas, as expressões dos jovens podem ser compreendidas.

Conclui-se que, sem atividade física, a pessoa com deficiência terá muitos prejuízos na vida cotidiana, especialmente em autonomia, autocuidado e saúde. Com a prática constante de exercícios, problemas futuros podem ser prevenidos. Propiciar um estilo de vida mais ativo desde cedo será um marco importante para uma vida mais saudável.

### **3.1 Atividades Físicas Adaptadas para o TEA**

Crianças e jovens com Transtorno do Espectro Autista (TEA) podem se beneficiar significativamente de atividades físicas adaptadas às suas necessidades e objetivos. O mais importante é focar no prazer, nas habilidades motoras e sociais, sempre respeitando o nível de funcionamento e os interesses de cada criança e adolescente, para que as atividades sejam eficazes antes, durante e após sua realização. Essas atividades podem incluir desde tarefas simples do cotidiano, como correr, limpar a casa ou andar de bicicleta, até práticas esportivas voltadas ao lazer.

## **Benefícios das atividades físicas adaptadas segundo Lourenço, Esteves e Corredeira (2016):**

- Melhora a percepção do espaço em que o indivíduo vive;
- Estimula maior independência no dia a dia;
- Contribui para o desenvolvimento de habilidades acadêmicas, sociais e físicas;
- Reduz estereotípias e movimentos repetitivos;
- Promove a inclusão e fortalece a autoestima.

É importante destacar a diferença entre atividade física e exercício físico. Enquanto a atividade física envolve qualquer movimento corporal que resulte em gasto de energia, o exercício físico é planejado, estruturado e sistemático, com o objetivo de desenvolver ou manter a aptidão física. (Caspersen et al., 1985). Ainda assim, o exercício físico é uma excelente ferramenta no trabalho com pessoas com TEA, pois pode auxiliar no desenvolvimento de capacidades cardiorrespiratórias, mobilidade, força, hipertrofia, tonicidade muscular, entre outros benefícios.





(Imagens: Projeto de Extensão PREMAUT)

Os exercícios físicos podem ser organizados em circuitos simples para crianças, com um enfoque lúdico e prazeroso. Para os jovens, é possível propor desafios e estruturas mais elaboradas, que estimulem suas capacidades e incentivem seu engajamento.

## 4 CONCLUSÃO

Diante do exposto, o capítulo destaca a importância da atividade física como promotora da saúde física e mental em todas as fases da vida, especialmente para pessoas com Transtorno do Espectro Autista (TEA). A atividade física, compreendida como qualquer movimento que aumente o gasto energético, traz benefícios amplos — desde melhorias cardiovasculares, musculares e ósseas até ganhos no sistema imunológico e na saúde emocional.

Portanto, evidencia-se que a atividade física adaptada é uma ferramenta essencial para o desenvolvimento integral de crianças e jovens com deficiência. Além de promover ganhos físicos – como força, coordenação e mobilidade –, ela também favorece o bem-estar emocional, a construção da autoestima e a inclusão social. Quando bem planejada e adequada às necessidades e potencialidades de cada indivíduo, a prática regular de atividades físicas estimula a autonomia e fortalece o senso de pertencimento desses jovens à sociedade.

Investir em programas inclusivos de atividade física é, assim, um passo decisivo para garantir direitos, promover cidadania e melhorar significativamente a qualidade de vida das pessoas com deficiência, desde a infância até a vida adulta.

## REFERÊNCIAS

ARANHA, MSF. **Educação Inclusiva: a escola**. Brasília: Ministério da Educação; Secretaria da Educação Especial, 2004.

**BRASIL**. Lei nº 13.146, de 6 de jul. de 2015. Lei Brasileira de Inclusão da Pessoa com Deficiência (Estatuto da Pessoa com Deficiência). Brasília, DF, Senado Federal, 2015 .

**BRASIL**. Lei nº 12.764, de 27 de dezembro de 2012. Institui a Política Nacional de Proteção dos Direitos da Pessoa com Transtorno do Espectro Autista. Brasília, DF, Senado Federal, 2012.

BREMER, E.; CROZIER, M.; LLOYD, M. A systematic review of the behavioral outcomes following exercise interventions for children



and youth with autism spectrum disorder. **Autism**, v. 20, n. 8, p. 899- 915, 2016.

CASPERSEN, C. J. et al. Physical activity, exercise, and physical fitness: definitions and distinctions for health-related research. **Public Health Reports**, v.100, n.2, p.126-131, 1985.

DAROS, R.; MELLO, P. C.; DALAMARIA, M. J. O papel da atividade física como prevenção a ansiedade e depressão. **Revista Foco**, [S. l.], v. 17, n. 11, p. e6703, 2024.

DEMIRCI, N. The effects of physical activity on children with disabilities: A systematic review. **Journal of Education and Training Studies**, v. 7, n. 3, p. 12-19, 2019.

GLANER, M. F. **Atividade física: conceitos e definições**. In: MOTA, J. (Org.). Atividade física e saúde. São Paulo: Manole, 2002.

GUEDES, D. P.; GUEDES, J. E. R. P. **Atividade física, aptidão física e saúde**. Revista Brasileira de Atividade Física & Saúde, v. 1, n. 1, 18- 35, 2012.

GOODWIN, D. L.; WATKINSON, E. J. **Inclusive physical education from the perspective of students with physical disabilities**. Adapted Physical Activity Quarterly, v. 17, n. 2, p. 144-160, 2000.

HEALY, S.; GARCIA, J. M.; UDRY, S. Physical activity benefits and needs in children with autism spectrum disorder. **Journal of Autism and Developmental Disorders**, v. 48, n. 12, p. 4032-4043, 2018.

LOURENÇO, Carla; ESTEVES, Dulce; CORREDEIRA, Rui. Potencialidades da atividade física em indivíduos com perturbação do espectro do autismo. **Desporto e Atividade Física para Todos - Revista Científica da FPDD**, v. 2, n. 2, 2016

NAHAS, M. V. **Atividade física, saúde e qualidade de vida: conceitos e sugestões para um estilo de vida ativo**. 7. Ed. Florianópolis: Editora do Autor, 2017.

NOCE, Franco et al. A influência do exercício físico na qualidade de vida de Pessoas com deficiência física. **Revista Brasileira de Psicologia do Esporte**, v.12, n. 3, 2022.

ORGANIZAÇÃO PAN-AMERICANA DA SAÚDE. **OMS lança novas diretrizes sobre atividade física e comportamento sedentário**. 26 nov. 2020.

ROSA NETO, F. **Psicomotricidade e desenvolvimento motor: testes, medidas e avaliação**. Porto Alegre: Artmed, 2002.

NOGUEIRA, AAG. et al. Pistas para potencializar grupos na Atenção Primária à Saúde. **Rev Bras Enferm [Internet]**. set-out;69(5):964-71, 2016.

SILVA, D. F.; DUARTE, E. Benefícios da atividade física adaptada para crianças com deficiência: uma revisão integrativa. **Revista Brasileira de Educação Física Adaptada**, v. 25, n. 1, p. 1-10, 2020.

UNICEF. **Visão global sobre crianças com deficiência: um relatório estatístico**. Nova York: Fundo das Nações Unidas para a Infância, 2021.



Mais do que um livro, esta obra é um convite à vivência, à escuta atenta e à construção de práticas pedagógicas mais sensíveis, inclusivas e transformadoras. Fruto de uma trajetória concreta e comprometida, ela nasce na riqueza das experiências do PREMAUT – projeto que, ao longo de anos, vem promovendo o desenvolvimento integral de crianças e jovens com Transtorno do Espectro do Autismo (TEA) por meio do movimento, da ludicidade e da inclusão.

Dividido em quatro capítulos, o livro aborda desde os fundamentos da relação entre corpo, movimento e aprendizagem até estratégias concretas de ensino inclusivo nas diversas etapas da escolarização. Com base em vivências reais e práticas adaptadas, o leitor encontrará ferramentas que dialogam com a psicomotricidade, as tecnologias assistivas, o desenvolvimento motor e as especificidades sensoriais do público com TEA.

Esta leitura é essencial para quem acredita na potência da educação inclusiva, no valor da escuta ativa e no papel do educador como agente de transformação social. Um material feito com sensibilidade, fundamentação e, sobretudo, compromisso com o direito de todos ao brincar, ao aprender e ao se mover no mundo com dignidade.

